

REPORTANDO A HISTÓRIA

*O primeiro turno das
eleições equatorianas*

Agosto de 2023



COMUNICA

Comunicação
Colaborativa

SUL





**EL RESURGIR
DE LA PATRIA**
SEGURIDAD, TRABAJO, BIENESTAR

A maioria ouve e lê na mídia tradicional que o Equador é um país violento e inseguro que escolherá o novo presidente, em 15 de outubro, entre uma candidata de esquerda e um liberal. São “informações” parciais reproduzidas de agências internacionais, meticulosamente articuladas pelos Estados Unidos para passar uma falsa ideia da realidade.

Nada se fala sobre o que levou à situação atual, como os seis anos de neoliberalismo exacerbado que destruiu a capacidade do Estado de implementar, de forma soberana, uma política econômica de geração de empregos, de garantia de direitos, valorização da saúde e educação, de segurança pública e controle da criminalidade. Não falam sobre quem se beneficia do Narcoestado.

Neste conjunto de reportagens elaboradas in loco pela Agência ComunicaSul de Comunicação Colaborativa durante o primeiro turno das eleições equatorianas – realizadas no dia 20 de agosto -, o leitor conhecerá o outro lado da notícia. Conhecerá fatos deliberadamente escondidos para impor um pensamento neocolonial sobre os povos da América Latina, a fim de manter a exploração das nossas riquezas.

Acompanhe nossa cobertura e veja uma fotografia sem retoques do Equador atual. Entenda o que realmente está em jogo neste segundo turno entre uma candidata progressista e o filho de um bilionário.

Some-se conosco. Leia, reflita e compartilhe!

*Caio Teixeira
Leonardo Wexell Severo
Monica Fonseca Severo*



Leonardo Wexell Severo, Caio Teixeira e Monica Fonseca Severo, no memorial em homenagem ao presidente Jaime Roldós e sua esposa Marta Bucaram, em Guayaquil





Economista
equatoriano
Andrés Arauz

“LASSO SUBMETE EQUADOR À DEVASTAÇÃO DO FMI E DO RENTISMO FINANCEIRO”

afirma Andrés Arauz

“Superar Guillermo Lasso no Equador é a saída para libertar o país do fracassado modelo econômico do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do rentismo financeiro”, afirmou o economista Andrés Arauz, líder do movimento Revolução Cidadã. Ao aplicarem a devastação neoliberal, denunciou, “foram tão cínicos, tão dogmáticos e desumanos que, em vez de impulsionar uma agressiva política de investimentos públicos para recuperar a economia, o que fizeram foi ampliar ainda mais os cortes nos serviços”. Em entrevista exclusiva, o ex-ministro de Rafael Correa denunciou que a adoção do vil receituário é uma afronta aos interesses nacionais, pois “sem Estado, não há rea-

tivação econômica, crescimento ou inclusão, mas cifras estarrecedoras de pobreza”. Prova disso, exemplificou, é que este ano o Equador foi “o maior emissor de emigrantes” pela perigosa selva panamenha de Darién, superando qualquer outro país. Andrés Arauz, que já foi candidato à Presidência do Equador, apontou que a “Morte Cruzada”, anunciada pelo presidente banqueiro, com a dissolução da Assembleia Nacional, nada mais é do que “um decreto de fuga, uma forma que Lasso encontrou de se evadir do julgamento político, pois seria destituído”. A partir de agora, assinalou, governará sem parlamento durante seis meses, mas com eleições gerais marcadas para os próximos 90 dias que abrem a

possibilidade das forças nacionalistas retomarem o controle do país. “Neste momento em que o povo equatoriano se vê mergulhado numa crise de insegurança, de saúde pública, emigração, abandono de sua pátria e de desmantelamento dos serviços públicos, como a educação”, enfatizou Arauz, é fundamental priorizar a conformação de “uma ampla coalizão de forças progressistas, populares, mas também de centro, de setores honestos e democráticos, que querem retomar o caminho do desenvolvimento”. A unidade, completou, é a nossa forma de “vencer nos próximos combates frente aos interesses hegemônicos e aos traidores, servis ao estrangeiro”.

LEONARDO WEXELL SEVERO/
Hora do Povo

Como avalia o decreto de “Morte Cruzada” e a que interesses serve?

O decreto de “Morte Cruzada” foi um decreto de fuga de Guillermo Lasso, foi sua forma de se evadir do julgamento político, pois seria destituído da Presidência. Preferiu destituir o parlamento antes de ser declarado culpado. No entanto, o decreto dá a possibilidade para que daqui três meses o povo equatoriano possa ir às urnas e escolher uma nova opção democrática.

Diante do fracasso de Lasso nestes dois anos de governo, há um contraste marcante, uma diferença que se coloca, e é justamente a Revolução Cidadã. Porque no segundo turno das eleições presidenciais de 2021 apresentamos ao Equador o confronto entre dois modelos: o dos banqueiros com o do país.

“ *O neoliberalismo autoritário quer privatizar os setores estratégicos da economia e converter o Equador em paraíso fiscal para a lavagem de dinheiro do narcotráfico* ”

Obviamente, o que vimos no governo de Lasso é um modelo totalmente orientado pelos interesses dos banqueiros, onde os lucros pessoais de Guillermo Lasso dispararam, enquanto o povo equatoriano se vê mergulhado numa crise de insegurança, de saúde pública, emigração, abandono de sua pátria, e de desmantelamento dos serviços públicos, como a educação.

O decreto de “Morte Cruzada” abre uma oportunidade para o povo equatoriano, porém ao mesmo tempo cria riscos com o neoliberalismo autoritário, que possibilita a Guillermo Lasso emitir decretos-leis no plano econômico. Lasso já disse que o que não conseguiu fazer nestes dois anos por causa da oposição da Assembleia [unicameral], vai fazer de forma direta: uma

reforma trabalhista, desregulando e retirando direitos dos trabalhadores; uma reforma tributária que retira a transparência do pagamento de impostos e declara secreta essa informação; zonas francas financeiras, para converter o Equador em paraíso fiscal do narcolavado (lavagem de dinheiro do narcotráfico) e uma série de medidas em matéria mineira, petroleira, hidrocarbonífera em geral, energética e elétrica, para privatizar o patrimônio público nestes setores estratégicos e, evidentemente, poder abrir caminho a uma enorme negociata do espectro radioelétrico, com a telefonia móvel [justamente neste ano expira o prazo de concessão] e que pretende drenar para os seus amigos do governo.

O decreto de “Morte Cruzada” é, em síntese, uma medida covarde de Lasso, porém que abre uma oportunidade democrática para o

povo equatoriano, com riscos autoritários no caminho. É dentro deste contexto que precisamos avançar, sem nos descuidar em nenhuma das frentes.

Como estão os preparativos das forças nacionais e democráticas e quais as perspectivas para a disputa eleitoral que se avizinha?

Neste momento que entramos na disputa eleitoral precisamos evitar repetir o que ocorreu em 2021. Quando fazemos um cálculo frio das cifras, das estatísticas eleitorais, vamos nos deparar que na Costa [litoral] a Revolução Cidadã prevaleceu por ampla margem. Todo nosso voto duro [convicto] e o voto brando foi totalmente capitalizado na Costa. Já na Serra houve uma predominância do voto nulo, que

deveria ter estado conosco, gente que preferiu não apoiar nenhuma das duas candidaturas e se posicionou com um voto antissistema, alcançando entre 20, 25 e até 30%, dependendo da província.

Então, é claro que é para aí onde temos que trabalhar do ponto de vista eleitoral, matemático e em termos políticos. Precisamos assegurar que os setores que buscam uma representação e não a obtêm possam ser efetivamente representados pelo que eu chamo de bloco histórico, uma ampla coalizão de forças progressistas, populares, mas também de centro, de setores honestos e democráticos, que querem retomar o caminho do desenvolvimento. Isso obviamente requer uma liderança que demarque posições, que seja generosa politicamente e firme na hora de saber aglutinar outras forças.

Estamos avançando. Na próxima semana teremos a oportunidade que esse bloco histórico se consolide, emergja, e somente então terá naturalmente um nome, uma identificação específica de quem serão os seus candidatos à Presidência e ao parlamento.

E como estão as negociações junto aos movimentos sociais e às demais forças?

Melhor do que nunca estas negociações estão bem encaminhadas em termos programáticos, para que sejam consolidados acordos. Do ponto de vista eleitoral será um pouco mais complicado, por distintos problemas e procedimentos a respeito da conformação de alianças. Mas creio que em termos programáticos temos sinais positivos como nunca e espero que nos próximos dias as negociações sejam afinadas nos detalhes. E com resultados palpáveis.

Acredito que estamos às vésperas de um grande acordo a nível de coalizão nacional, de bloco histórico, o que será uma boa notícia para o país e para a América Latina. Temos muito o que aprender com o Brasil

e com a Colômbia, com essas grandes maiorias que foram indispensáveis para conformar a vitória.

Qual o papel do Estado na reconstrução nacional, frente à devastação neoliberal, submissa a Washington e seu receituário de privatização e desmantelamento dos serviços?

Vencer Lasso é também a superação do fracasso representado pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) e do rentismo financeiro. Eles que apostavam na revalorização dos preços dos bônus nos mercados de capitais no exterior como única medida de política econômica. Fracassaram até mesmo nos seus próprios termos. A direita que se queixava de que supostamente com a esquerda aumentaria o “risco país” é a responsável de que ele tenha alcançado os níveis mais altos da história. A direita que se queixava de que não havia disciplina fiscal, etc. com a esquerda, agora protagoniza uma série de excedentes de liquidez, e levou a uma enorme fuga de capitais.

“*Foram tão cínicos, dogmáticos e desumanos que, em vez de impulsionar uma agressiva política de investimentos públicos para recuperar a economia, o que fizeram foi ampliar ainda mais os cortes nos serviços*”

Há falta de reativação econômica, de crescimento e inclusão, com cifras estarrecedoras em termos de pobreza, uma situação que nunca se recuperou a partir da pandemia. Acredito que o fracasso de Lasso, que presenciamos, é também o fracasso do programa econômico do FMI. Foram tão cínicos, tão dogmáticos e desumanos que, logo após a pandemia, em vez de impulsionar uma agressiva política de investimentos públicos para recuperar a economia, para poder acionar processos de desenvolvimento, de valor agregado, de trabalho e de dignidade, o que fizeram foi ampliar

ainda mais os cortes nos serviços. Evidentemente, o principal sinal deste fracasso foi o êxodo de equatorianos. Muito pouca gente sabe, mas neste ano de 2023 há mais equatorianos que cruzaram a selva panamenha de Darién do que venezuelanos, colombianos, haitianos ou de qualquer país. Ou seja, o Equador é hoje o principal emissor de emigrantes.

Como vê a proposta de Lasso de entrega do sistema de seguridade social aos bancos em meio ao agravamento da crise?

Lamentavelmente, o risco está aí. Lasso é um banqueiro e isso é o prisma através do qual temos que ler todas as suas ações de política econômica. O que busca por meio de uma Comissão de Reforma da Seguridade Social é que a Administração de Fundos de Pensão, que no Equador é exclusivamente estatal, passe a ser gerenciada por bancos privados. Para que administrando esse portfólio possam jogar no cassino com os recursos dos nossos filiados e aposentados. E, além disso,

possam mudar a economia política na negociação do financiamento do orçamento fiscal.

Neste momento, quando a Seguridade Social é parte do Estado, do setor público, a coordenação com o Ministério da Fazenda é muito mais fácil. No momento em que os Fundos de Pensão passem a ser administrados por banqueiros privados, o próximo ministro da Fazenda não terá que ir bater na porta de um funcionário público para ter acesso a um financiamento, terá que ir bater na porta do próprio Guillermo Lasso, na qualidade de acionista dos bancos privados. Buscam

dar mais poder macroeconômico aos banqueiros, por cima do financiamento estatal. Por isso os equatorianos estamos muito vigilantes para que não passe tal medida, da mesma forma que não passe a regressão da legislação trabalhista ou a declaração das “zonas francas financeiras”, que é um apelido que inventaram para o paraíso fiscal do narcolavado (lavagem de dinheiro do narcotráfico). São medidas que Guillermo Lasso quer implementar neste curto período transitório enquanto governa sem parlamento.

Neste confronto de projetos, a quem pertencem e como se comportam os meios de comunicação predominantes?

Os principais canais de televisão no Equador estão vinculados permanentemente ao setor financeiro. O principal canal, que se chama Telemazonas, pertence ao dono do maior banco do país. Na época do presidente Rafael Correa (15 de janeiro de 2007 – 24 de maio de 2017), por terem dívidas com o Estado, dois outros canais que pertenciam a banqueiros foram confiscados e passaram a ser de propriedade pública. Porém, lamentavelmente, quando mudou a administração do Estado, assumiram uma posição totalmente pró-banqueiros, pró-neoliberal, pró-direita e pela perseguição política contra as forças progressistas. O relato na televisão e nos demais meios de comunicação privados, também ditado pela administração da publicidade, feita pela dependência dos setores oligárquicos, é contra os partidários de Rafael Correa, vinculando os setores progressistas com terroristas, nos identificando como marginais que quiséssemos prejudicar o país. Acredito este foi um ponto que tivemos importantes avanços no nosso governo, mas nos faltou constituir meios comunitários mais fortes, dar mais apoio aos já existentes, para que pudessem fazer um contrapeso à narrativa midiática predominante. No processo eleitoral anterior a ba-

talha foi basicamente contra esse setor dominado da mídia. E agora também será assim.

Como avalia o papel da integração e da solidariedade internacional?

O povo equatoriano tem profundas convicções integracionistas. Está

terminou renunciando à capitalidade da região. Algo absurdo que ninguém pôde entender como ocorreu semelhante coisa.

Agora as forças progressistas, esse bloco histórico que esperamos constituir e consolidar, têm como

der em escolas e universidades de outros países da região, necessitamos a integração dos trabalhadores, estruturar uma política sindical regional, integração do movimento de mulheres, dos estudantes, dos povos indígenas, particularmente amazônicos, para poder ter uma plataforma comum. Temos que dar um salto rumo a uma integração que não fique somente no plano dos documentos ou das cúpulas, mas que seja tangível, concreta e palpável, para que nossos povos possam se defender dos próximos combates frente aos interesses hegemônicos e aos traidores servis ao estrangeiro. Acredito que há uma plena consciência em relação a isso em nosso povo e que o próximo governo, com toda a segurança, será um incentivador da integração regional. Para isso dedicaremos todo o nosso esforço e compromisso para conseguir avançar rumo à construção da Pátria Grande para nossos filhos e netos.

“*Nos faltou constituir meios comunitários mais fortes, dar mais apoio aos já existentes, para que pudessem fazer um contrapeso à narrativa midiática predominante*”

em nosso sangue apoiar a integração. Foi com grande orgulho que sediamos a Unasul (União de Nações Sul-Americanas), a capital da América do Sul, a vimos com grande privilégio e honra. Mas, lamentavelmente, nos vieram a governar traidores do projeto de integração, como Lenin Moreno [que além de fechar a sede da Unasul, mandou remover em 2019 a estátua erguida para homenagear o presidente argentino Nestor Kirchner, falecido em 2010] e Guillermo Lasso, que

um dos seus pontos prioritários impulsionar a integração regional, retomar a agenda da Unasul, mas com um acréscimo: que não seja apenas uma integração dos partidos, dos governos ou dos presidentes, necessitamos uma integração dos povos. E isso significa uma integração produtiva, em termos de mobilidade humana, integração educativa para que os jovens possam apren-

Veja a entrevista no link:

<https://drive.google.com/file/d/1NXZxehoDFYXJGEQQ9mTbEJAjloiV9bg/view>

COMUNICASUL HOMENAGEIA JAIME ROLDÓS, LÍDER NACIONALISTA EQUATORIANO MORTO PELA CIA

Após vencer as eleições com 70% dos votos, Roldós iniciou a governar contrariando os interesses estadunidenses, fazendo com que o seu avião tivesse o motor sabotado e perdesse o rumo, se chocando com uma montanha



No mesmo ano de 1981, “acidentes” aéreos mataram três fortes opositores ao imperialismo: Roldós em maio; Rafael Hoyos Rubio, comandante do Exército peruano, em junho; e o líder da revolução panamenha, Omar Torrijos, em julho

LEONARDO WEXELL SEVERO/ Hora do Povo

Acompanhando o processo eleitoral equatoriano, a Agência ComunicaSul de Comunicação Colaborativa está homenageando o ex-presidente do país, Jaime Roldós Aguilera. Líder da Concentração das Forças Populares (CFP) e fundador do Partido Povo, Mudança e Democracia, Roldós foi assassinado aos 40 anos pela CIA (Agência Central de Inteligência) em um “acidente” aéreo no dia 24 de maio de 1981. Naquele “Ano do Avanço”, vinha realizando inúmeras atividades dentro do Plano Nacional de Desenvolvimento para romper com as amarras do atraso e da dependência.

Conforme esclareceu John Perkins, em

seu livro *Confissões de um Assassino Econômico*, Roldós foi executado por uma bomba colocada em um gravador de fitas cassete. Economista-chefe da empresa Chas. T. Main em Boston, Massachusetts, no período de 1971 a 1981, o autor recordou que o líder equatoriano se opunha às petrolíferas estadunidenses com um novo marco legal para o setor de hidrocarbonetos e um ambicioso plano de reformas. Além disso, apontava que o presidente equatoriano sinalizava com um pacto envolvendo Colômbia e Peru considerado pelo presidente dos EUA, Ronald Reagan, como uma “aproximação da União Soviética”.

Oposto ao belicismo e à postura de ingerência anunciada por Reagan e George W. Bush, Roldós demarcou

campo com altivez e decidiu não comparecer em janeiro de 1981 à posse do novo governo de Washington, que mantinha estreito vínculo com as ditaduras da Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, El Salvador, Guatemala e Honduras.

EXTREMA-DIREITA EQUATORIANA E CIA

Derrotada nas urnas, a extrema-direita equatoriana começou as ações de sabotagem com a CIA desde o início do governo de Roldós, armações que sempre foram evidentes e banhadas à sangue.

A política dos terroristas ia desde a disseminação de bombas e assassinato de opositores, até denúncias de

fraude eleitoral, numa orquestração midiática que procurava manipular e envenenar a opinião pública. Como quem paga a banda escolhe a música, se faziam ouvir senhores como Luis Adolfo Noboa Naranjo, exportador de banana vinculado à Standard Fruit Company, então o homem mais rico do Equador – pai de Álvaro Noboa, que tentou cinco vezes a presidência, e avô do atual candidato direitista Daniel Noboa. De nada adiantou, pois a população foi às ruas e às urnas.

Com cerca de 70% dos votos no segundo turno, o jovem advogado Jaime Roldós assumiu o poder em 10 de agosto de 1979, sendo o primeiro presidente a falar palavras em quéchua – língua de um terço dos indígenas. Sua posse enterrou as pretensões golpistas, que haviam postergado o processo eleitoral ao longo de seis longos meses.

DEFENSOR DA DEMOCRACIA E DA SOBERANIA

Durante seu breve período de apenas um ano e nove meses na presidência da República, Roldós tornou-se referência na defesa dos direitos humanos, fazendo ecoar a luta pela democracia, pelo desenvolvimento nacional e a soberania na América Latina, se contrapondo à política de ferro e fogo que empesteavam o continente.

Ao mesmo tempo, logrou conquistas para o mercado interno ao decretar a duplicação do valor do salário mínimo e a redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais; impulsionar a criação de moradias populares; implementar o programa de café da manhã escolar; investir em hidrelétricas, entre outros importantes avanços na área social e econômica. “Avançamos 21 meses, sob um governo constitucional, quando em países como o nosso isso significa ganhar a estabilidade democrática, que foi conquistada dia a dia”, declarou Roldós, em seu discurso no Estádio Olímpico Atahualpa, em Quito, onde condecorou os combatentes

da “Guerra do Falso Paquisha”.

A Guerra foi um conflito artificial, envolvendo Equador e Peru, que aconteceu com o dedo do Pentágono, entre janeiro e fevereiro de 1981. Naquele momento, o presidente exortou seu povo à unidade e destacou o papel do “Equador democrático, capaz de dar lições históricas de humanismo, trabalho e liberdade”. “Este Equador amazônico, desde sempre e até sempre. Viva a Pátria!”, enfatizou Roldós. Logo depois, o avião da Força Aérea em que viajava se chocou com a colina Huayrapungo, perto de Celica, na província de Loja.

Todos os tripulantes morreram. O presidente estava acompanhado da primeira-dama, Martha Bucaram de Roldós; do ministro da Defesa Nacional, general Marco Subía Martínez, e sua esposa, Helena de Subía; dos ajudantes-de-campo tenentes-coronéis Armando Navarrete e Héctor Torres; do piloto, coronel da Aviação Marco Andrade Buitrón; do copiloto, tenente de aviação Galo Romo; da camareira Soledad Rosero; e do segurança Carlos Cabello. O casal Roldós deixou então três filhos: Martha (17 anos), Diana (16), e Santiago (11).

“ACIDENTES” SOB ENCOMENDA

Na tentativa de pôr um freio a governos independentistas, no mesmo ano, outros “acidentes” de avião ceifaram a vida de Rafael Hoyos Rubio, comandante geral do Exército peruano, em 5 de junho; e do líder da

revolução panamenha, general Omar Torrijos, em 31 de julho. Rubio foi ministro do general Juan Velasco Alvarado, tendo enfrentado à Standard Oil. O comandante Torrijos retomou o estratégico Canal do Panamá, ainda durante o governo de Jimmy Carter, em 1977.

Autora do livro “Operação Condor, Pacto Penal”, a jornalista e escritora argentina Stella Calloni relatou que “Roldós e o general panamenho Omar Torrijos apareceram no chamado Documento de Santa Fé [papéis secretos da política Reagan], nos anos 80, como dois presidentes adversos, incômodos, segundo diziam, para os Estados Unidos”. O “Plano Condor” era uma campanha de repressão política e terror de Estado organizada pelo governo de Washington que envolvia operações de inteligência para sequestro, captura e assassinato de opositores.

Uma “investigação” à toque de caixa realizada uma semana após a morte de Roldós, feita pela Junta de Investigação de Acidentes (JIA) da Força Aérea do Equador, respaldada pela Força Aérea dos Estados Unidos (USAF), apontou sem qualquer comprovação, que houve uma “falha do piloto”. A Comissão do Congresso do Equador, que contou com o apoio da Polícia de Zurique (Suíça), fez uma peritagem pormenorizada e descobriu que uma hélice e uma turbina do avião se encontravam apagadas no momento da colisão, isentando o experiente piloto e apontando para sabotagem.



Brigada Jaime Roldós

COMUNICA
Comunicação Colaborativa

SUL



A SOLIDARIEDADE É A TERNURA ENTRE OS POVOS!

Brasil-Ecuador
Agosto/2023

PIX 10.511.324/0001-48
CNPJ da Papiro Produções





Deputado estadual Sinésio da Silva Campos (PT-AM) defende eleição do movimento Revolução Cidadã no Equador para avanço do corredor bioceânico Manta-Manaus, unindo Pacífico e Atlântico (ALEAM)

“VITÓRIA DO PROJETO INTEGRACIONISTA NO EQUADOR SERÁ A DERROTA DO TIO SAM” afirma líder amazônico

“A presença da ComunicaSul nas eleições equatorianas é fundamental para democratizar informações ocultas por interesses contrários ao desenvolvimento dos nossos países e povos”, destaca deputado estadual Sinésio da Silva Campos, líder do PT no Amazonas

**LEONARDO WEXELL SEVERO/
ComunicaSul**

“Os presidentes Lula e Rafael Correa deram a largada no projeto bioceânico Manta-Manaus, que liga o Pacífico ao Atlântico, e contraria os interesses dos Estados Unidos, que quer a manutenção da nossa dependência via Canal do Panamá. Lula venceu afirmando a soberania e que a eleição de Luisa González, do movimento Revolução Cidadã, de Correa, representará a vitória do projeto integracionista no Equador e a derrota do Tio Sam”.
A afirmação do deputado estadual Sinésio da Silva Campos, líder do

Partido dos Trabalhadores (PT) no Amazonas é esclarecedora sobre a batalha de ideias em curso “tanto lá como aqui, já que grupos econômicos teimam em conquistar vitórias eleitorais através da divulgação massiva de mentiras”. Por isso, propõe: “além de combatermos permanentemente as fake news, necessitamos investir em meios de comunicação independentes e de qualidade”.

Na avaliação do parlamentar, a mídia alternativa cumpre um papel chave para esclarecer a população sobre a transcendência de projetos como o Manta-Manaus, estratégicos para o desenvolvimento re-

gional, nacional e continental. “Se fizemos uma pesquisa, pelo próprio silêncio a que é renegado pela grande mídia, as pessoas não sabem o que significa. Precisamos democratizar essas informações e, para isso, é preciso contar com a ação de agências como a ComunicaSul, que vão para o Equador em agosto a fim de aproximar nossas realidades, sem os filtros impostos pelos grandes conglomerados”, frisou.

Estudioso e propulsor do Manta-Manaus, Sinésio assegura que há relevância nesta “conexão épica que impulsionará o transporte de carga e desenvolverá a região amazônica”. “Sairá do Porto de

Manta, no Equador, passando por uma rodovia por Providência, chegando a Letícia – que fica na margem esquerda do rio Amazonas, no ponto das três fronteiras entre Colômbia, Brasil e Peru -, de onde a hidrovía sairá passando por Tabatinga até Manaus”, explicou.

PROTAGONISMO DE LULA E RAFAEL CORREA

Na verdade, apontou o parlamentar, “é um projeto iniciado pelos presidentes Lula e Rafael Correa que beneficiará o conjunto dos países que fazem fronteira com a Amazônia brasileira (Guiana Francesa, Suriname, Guiana, Venezuela, Colômbia, Equador, Peru e Bolívia) e o Equador, que se soma geopoliticamente”. Para não ficarmos reféns de oscilações, o dirigente propõe que o tema passe a ser tratado “como política de Estado e não de governos, que são transitórios”.

Sinésio recorda os anos de crimi-

nalização e perseguição de Lula e Correa – que condenado a oito anos por “corrupção” no Equador se encontra foragido político na Bélgica – e denuncia a aberta sabotagem ao avanço estratégico do Manta-Manaus. Ao longo de todo o período, fomos forçados a gastar desnecessariamente bilhões de dólares em royalties pela utilização do Canal do Panamá e a extensão do período de viagem em semanas. “Sem falar do congestionamento no Panamá e a prioridade dada à passagem de produtos dos Estados Unidos, como pudemos ver ao longo de toda a pandemia”, esclareceu.

“As nossas lideranças pensaram a integração nos planos cultural e econômico e em abrir as possibilidades de geração de emprego e renda, com uma drástica redução nos custos no transporte. Será um empreendimento para não só escoarmos produtos da Zona Franca de Manaus a países vizinhos, mas também que sejam importados

muitos produtos e insumos. Nossos mercados não são concorrentes, vão se somar, são complementares”, acrescentou.

Conforme Sinésio, “o compromisso é com uma geopolítica de integrar, diferente da neoliberal que é de entregar”. “Como deputado decano da Assembleia do Amazonas e presidente estadual do PT, tenho defendido esta bandeira do corredor bioceânico. Em linha reta, Manta-Manaus seriam 2.800 quilômetros, o que representa uma economia de tempo em 25 dias, contra os 50 ou 60 atuais. Além do que não dependeremos mais das filas do Panamá”, destacou.

Sinésio lembrou que “o Equador tem um litoral fantástico para o Pacífico, mas, como dialogamos com trabalhadores e empresários daquele país, precisa ver materializada esta iniciativa, que contemplará também a Colômbia, país com quem a nossa região já comercializa enormemente”.



Projeto do Manta-Manaus reduzirá tempo e custos gastos atualmente com o Canal do Panamá

SALLY BURCH: “ÓDIO DA MÍDIA A CORREA SE DEVE AO ENFRENTAMENTO AOS BANCOS NO EQUADOR”

Fundadora da Agência Latino-Americana de Informação (ALAI) e membro do Fórum de Comunicação para a Integração da Nossa América (FCINA), Sally Burch, cuja entrevista segue, condena a ação dos monopólios da desinformação do Equador contra Luisa Gonzáles, candidata à presidência pelo movimento Revolução Cidadã, do ex-presidente Rafael Correa, refugiado político na Bélgica



A comunicadora britânica-equatoriana Sally Burch condena manipulação midiática (ALAI)

LEONARDO WEXELL SEVERO/
ComunicaSul

Que papel jogam os meios de comunicação no atual embate entre as forças progressistas e o retrocesso no Equador?

Há vários anos o anti-correísmo se converteu na principal plataforma política da direita, abarcando inclusive de setores de centro e esquerda. O próprio governo de Guillermo Lasso e, antes dele, o de Lenin Moreno fizeram de tudo para desarticular o que construiu a Revolução Cidadã (quando o país foi presidido por

Rafael Correa de 2007 a 2017) ao longo de uma década. Entre outros, destruíram o sistema de benefícios sociais, o que deixou o país à mercê das máfias armadas, com um grau inédito de violência.

Os meios de comunicação hegemônicos fizeram disso sua própria bandeira, apoiando e açulando ofensivas de direito contra qualquer pessoa associada com o correísmo, centrando sua atenção às acusações de corrupção vinculadas ao governo do ex-presidente, enquanto fazem vista grossa e se omitem frente a diversas evidências nos de Lasso e

Moreno. Da mesma forma omitem a vinculação destes dois presidentes a paraísos fiscais, o que no Equador está proibido para mandatários ou funcionários públicos.

Todos os meios hegemônicos tradicionais estão bastante desacreditados aos olhos da população, porém seguem tendo peso na agenda política. Mas há certos meios públicos, comunitários e alternativos que fazem um contrapeso. Ao mesmo tempo, se multiplicam no meio digital, sendo objeto de uma intensa disputa.

Todas as pesquisas mais recentes apontam para a dianteira da candidata Luisa González, da Revolução Cidadã. Qual a importância desta vitória para o desenvolvimento do Equador e da integração latino-americana?

Ainda é cedo para confiar nas pesquisas eleitorais. Inclusive em várias eleições os resultados finais foram bastante distantes do que prognosticavam as últimas pesquisas. O que está claro é que a candidata da Revolução Cidadã, Luisa González, lidera com folga em todas as pesquisas. Mas, para ganhar no primeiro turno, é necessário no mínimo 50% dos votos, ou 40%, com 10% de vantagem sobre o segundo candidato.

E isso não será tão fácil. Em caso de segundo turno, o mais provável é que toda a direita, e inclusive parte da esquerda, se some contra a Re-

volução Cidadã. E aí é difícil prever o resultado.

O que está claro é que a Revolução Cidadã é o único partido na disputa com articulação e presença em todo o país, que tem suas candidaturas formadas por militantes à presidência e à vice-presidência. Os demais partidos atuam mais como clubes eleitorais que se alugam e emprestam nomes com candidatos autônomos. Inclusive o Partido Social Cristão, que já foi muito forte, agora não tem candidato próprio e apoia o ex-mercenário Jan Topic.

A situação teria sido diferente com a indicação de Leonidas Iza, presidente da Confederação das Nacionalidades Indígenas do Equador (Conaie), pelo movimento Pachakutik, mas o partido continua dividido e não conseguiu apresentar uma candidatura.

Em relação aos programas políticos, em caso de vitória da Revolução Cidadã, o que se espera é a retomada dos eixos centrais do governo de Correa como buscar soluções à insegurança por meio de programas sociais, não só por meio da força [como vem sendo feito]; reduzir o desemprego e a pobreza, fortalecendo a educação e a saúde – áreas sociais que foram bastante abandonadas nos últimos anos; investir em programas de reabilitação das pessoas privadas de liberdade e impulsionar a integração regional. Inclusive se está falando na possibilidade de convocar uma nova Assembleia Nacional Constituinte. O fato é que o governo eleito terá um mandato de apenas 18 meses. Com as finanças do país extremamente comprimidas, e o alto grau de delinquência, não será nada fácil.

A distribuição das frequências mi-

diáticas está prevista na Lei Orgânica de Comunicação aprovada em 2013, como resultado de uma luta dos movimentos sociais, que estipula que 34% das frequências deveriam ser comunitárias. Da mesma forma, estabelece medidas para fomentar o seu desenvolvimento.

Infelizmente, essa lei nunca foi aplicada nem por Correa nem muito menos pelos governos que o sucederam, o que poderia ter possibilitado uma mudança estrutural no panorama midiático no país. Hoje segue havendo somente 6% de meios comunitários em rádio e menos em televisão.

A lei também prevê 33% de meios

os beneficiou com suas políticas? Tenho uma pista: o quanto afetou o sistema financeiro privado. [O presidente aprovou em 2012 a Lei de Redistribuição do Gasto Social, elevando os impostos dos bancos para repassá-los aos mais pobres].

Também faz falta nesta mídia a presença da abordagem sobre a integração regional. No caso da Unasul, pouco se informou de como Ihes pode beneficiar a questão da cidadania sul-americana, os avanços e iniciativas comuns como a compra de medicamentos por melhores preços, o reconhecimento mútuo de títulos acadêmicos, o que facilitaria o estudo em outros países e

“A distribuição das frequências está prevista na Lei Orgânica de Comunicação aprovada em 2013, como resultado de uma luta dos movimentos sociais, que estipula que 34% deveriam ser comunitárias”

públicos, porém incluindo o conceito de meios governamentais, oficiais, que foram incrementados, mas muitos dependem da prioridade dada pela autoridade eleita. Assim, o sentido verdadeiro de um meio público autônomo fica evidentemente marginalizado.

Acredito que não corresponde à mídia apoiar este ou aquele candidato ou partido, mas facilitar a população o conhecimento de quem são, o que propõem e o que representam, questionar mais a fundo e não repetir o discurso promocional. Me chama a atenção que os meios mais críticos não questionem a razão do ódio tão profundo ao correísmo expresso por toda a direita neoliberal. O que tanto Ihes incomoda no governo de Correa, que

outras medidas similares benéficas para a população.

A integração entre os povos é, há muito tempo, uma bandeira das organizações sociais da região, por isso chama a atenção que, quando a Unasul foi paralisada, não tenha havido nenhum protesto na região. [No dia em que o Brasil deveria assumir a presidência da União de Nações Sul-Americanas, o então presidente Jair Bolsonaro anunciou a retirada oficial da organização]. Isso indica que ainda não é um projeto plenamente assumido pela população e, para isso, a comunicação é chave.

Este é um desafio que assumimos, como componentes do Fórum da Comunicação pela Integração da Nossa América.

“ESTADO DEVE DINAMIZAR A ECONOMIA”, AFIRMA LUISA GONZÁLEZ, CANDIDATA A PRESIDENTE DO EQUADOR

Luisa González defende “investimento público em infraestrutura para desenvolver economia e gerar emprego”



Advogada Luisa González, candidata do movimento Revolução Cidadã, do ex-presidente Rafael Correa, lidera as pesquisas na disputa para as eleições presidenciais de 20 de agosto

Hora do Povo

“O Estado tem de assumir o papel de dinamizar a economia, de começar a apoiar os setores mais vulneráveis, sobretudo garantindo serviços de saúde e educação de qualidade e gratuitos. No governo da Revolução Cidadã pusemos o Estado trabalhando para todos os setores: para a indústria, gerando empregos; para o setor público, garantindo direitos”, afirmou a advogada Luisa González, dirigente de confiança do ex-presidente Rafael Correa (2007-2017) e única mulher candidata à Presidência do Equador nas eleições do próximo 20 de agosto.

A ex-deputada (o parlamento é unicameral no Equador) destacou que “o investimento público, como na rede ferroviária e em tudo o que é infraestrutura dinamiza o emprego, e isso requer fontes de financiamento” e o estabelecimento de prioridades. “Não sei o que esse governo está fazendo com dinheiro público! Há uma execução orçamentária muito baixa porque eles não têm ideia de como funciona. E eu tenho dito claramente: o país não está aqui para experimentar. Já basta. Porque estamos experimentando com pessoas inexperientes, somos como somos. A baixa execução orçamentária de um ministério quando a população tem

necessidades mostra que eles são inúteis na gestão do setor público. O que oferece a Revolução Cidadã e Luisa González: um trabalho em equipe. Eu não estou sozinha”, frisou. Para a dirigente opositorista, “os fundos que estão nessas reservas internacionais devem ser trazidos para o país, é o dinheiro equatoriano que deve ser usado para reativar a economia nacional”.

GERAÇÃO DE EMPREGO E FORTALECIMENTO DA SEGURANÇA

Há menos de um mês das eleições, com discurso voltado para a geração de empregos, garantia de direitos e

investimento na segurança, Luisa lidera com folga todas as pesquisas de intenção de voto.

A mais recente, a pesquisa Numma indica que a candidata está à frente com 33,76% dos votos válidos, contra 17,5% do megaempresário de mídia, Otto Sonnenholzner, vice-presidente de L. Moreno (2017-2021) – que expulsou Julian Assange da Embaixada do Equador e o entregou à polícia na Inglaterra – e 15,08% do “ecologista” Yaku Pérez.

Em sintonia com a opção por Luisa, 36% dos entrevistados indicaram que a prioridade do próximo governo deverá ser dada à área econômica e 26% à segurança, já que os assassinatos quintuplicaram em seis anos.

Além disso, 80% dos entrevistados manifestaram uma opinião “ruim e muito ruim” do presidente banqueiro Guillermo Lasso e 53% indicaram ter uma “opinião boa e muito boa” de Rafael Correa, perseguido político que está exilado na Bélgica. Essa pesquisa tem confiabilidade de 95% e margem de erro de 2,7%.

No total, 13,4 milhões de eleitores vão às urnas para eleger o presidente e o vice-presidente da República, e 137 deputados à Assembleia Nacional. Os eleitos permanecerão no cargo apenas até o final de seu mandato em 2025, pois são eleições extraordinárias, fruto da “Morte cruzada”, mecanismo adotado pelo presidente Guillermo Lasso para fugir do proces-

so de impeachment por corrupção e tentar ganhar uma sobrevida governando por decreto.

O sistema eleitoral equatoriano prevê dois turnos para as eleições presidenciais. Caso nenhum candidato ultrapasse os 40% e 10 pontos de diferença do segundo, uma nova votação deverá ser realizada em 15 de outubro.

FRENTE NACIONALISTA CONTRA RETROCESSO NEOCOLONIAL

Em meio à intensa disputa política, Luisa se consolida como a candidata do desenvolvimentismo, articulando uma ampla frente nacionalista, enquanto a direita se articula com o neocolonial Otto Sonnenholzner, presidente da Associação Equatoriana de Radiodifusão (AER), e Yaku Pérez, sem o respaldo da Confederação das Nacionalidades Indígenas do Equador (Conaie) – que o apoiou em 2021 – expressa uma fratura com os movimentos sociais ao consolidar uma virada traiçoeira em seu programa. Para o Centro Estratégico Latino-Americano de Geopolítica (Celag), este distanciamento das camadas populares com Yaku Pérez se explica por ele se mostrar “a favor de um tratado de livre comércio com os Estados Unidos, um ambientalismo sem regulação estatal e a favor de esvaziar de conteúdo ideológico o seu projeto de país”.



INTELECTUAIS, ARTISTAS, LIDERANÇAS POLÍTICAS E SINDICAIS APOIAM COBERTURA DA COMUNICASUL NO EQUADOR



Coletivo de comunicadores acompanhará eleições presidenciais em agosto, confrontando a manipulação e a desinformação praticadas por uma mídia colonizada e avessa à integração latino-americana

Hora do Povo

A Agência ComunicaSul de Comunicação Colaborativa parte para o Equador nos primeiros dias de agosto para acompanhar as eleições presidenciais que ocorrem no domingo (20) confrontando o projeto nacional e popular da oposição com o neocolonial, submisso ao sistema financeiro e às transnacionais, abraçado pela mídia venal.

Para tornar possível a cobertura jornalística em um país dolarizado, o coletivo tem se empenhado na mobilização para a coleta de recursos. Produtor e diretor de mais de 70 filmes, autor de premiadíssimas longas-metragens como Jango e Os Anos JK, o cineasta e documentarista Silvio Tandler é um dos no-

mes de peso da campanha de arrecadação. "Acompanho há muito tempo o trabalho do ComunicaSul, que adoro e respeito. Quem puder apoiar não terá seu tempo perdido, pois trabalham sério e merecem o nosso carinho e o nosso estímulo", reforçou.

Veterano combatente da causa internacionalista desde os tempos dos "Cadernos do Terceiro Mundo", o jornalista e escritor Paulo Cannabrava Filho é um grande impulsor da iniciativa. Na compreensão de Cannabrava, "a ComunicaSul reúne juventude e experiência, somando mídias alternativas para confrontar as mentiras do neoliberalismo, do terrorismo de Estado e do fascismo". Sendo assim, garante, "nas eleições do Equador será um

poderoso instrumento para nos trazer informações e aproximar as realidades dos nossos países e povos, a fim de consolidar a construção do desenvolvimento, da democracia e da soberania",

O jornalista Altamiro Borges, presidente do Centro de Estudos de Mídia Barão de Itararé, afirmou que "o coletivo ComunicaSul é uma das mais belas experiências de jornalismo independente, colaborativo e comprometido com a integração latino-americana e a luta dos povos do nosso continente". Para Miro, "é uma imprensa que precisa ser valorizada e apoiada, pois faz um contraponto à mídia hegemônica brasileira, que tem um complexo de vira-lata, uma visão colonizada diante do império, que mais parece uma sucursal rastaquera do Departamento de Estado dos EUA".

"TRABALHO COLETIVO DE MAIS DE UMA DÉCADA"

A ex-presidenta da Federação Democrática Internacional de Mulheres (Fdim), Márcia Campos, atestou que "o trabalho desenvolvido pela Agência ComunicaSul é de profissionais profundamente comprometidos em fazer ecoar a verdade e a justiça". "É um coletivo de comunicadores que há mais de uma década se dedica à integração e batalha para retirar a mordça colocada pelos que fazem da informação um negócio. No Equador, mais uma vez fará a diferença", destacou.



Paulo Cannabrava Filho, Kátia Teixeira, Silvio Tandler, Luiz Carlos Bahia, Márcia Campos, Nilson Araújo de Souza, Gilberto Maringoni, Nivaldo Santana, Samira de Castro e Sinésio Campos

“Apoiamos os profissionais da ComunicaSul pelo importante trabalho alternativo que têm desenvolvido, com uma comunicação avançada”, declarou o ex-deputado Nivaldo Santana, secretário de Relações Internacionais da Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB). “O próximo empreendimento do coletivo será acompanhar as eleições presidenciais no Equador, que são estratégicas para fortalecer a onda progressista que tem inundado o continente”, esclareceu Nivaldo, demarcando a relevância da participação das entidades.

A presidenta da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), Samira de Castro, disse que “contribuir com a presença in loco da ComunicaSul, que faz uma cobertura verdadeiramente independente e livre do pensamento único que domina a mídia tradicional brasileira, é trazer a informação de interesse público e com viés da interligação da América Latina”.

Segundo o jornalista e cartunista Gilberto Maringoni, professor da Universidade Federal do ABC, “o Equador é uma disputa estratégica, onde estão em jogo um projeto de direita e um de centro-esquerda, que terão um peso grande na conformação não só do continente, como no desenvolvimento do país”. “Daí a importância desta cobertura, pois os profissionais da ComunicaSul são livres das amarras da imprensa tradicional”, asseverou.

“UM COLETIVO MARAVILHOSO QUE FAZ UMA COBERTURA SEM FILTROS”

Em depoimento gravado, que circula pelas redes, a cantora e compositora Kátia Teixeira faz um convite “para que todos conheçam e contribuam com este coletivo maravilhoso, que realiza uma cobertura sem filtros, comprometida com a verda-

de”. “Compartilhando o conteúdo que a ComunicaSul vem produzindo ao longo desses anos, vamos furando a bolha, fazendo chegar o que realmente está se passando nas veias abertas da nossa América Latina”, enfatizou.

O deputado estadual Sinésio da Silva Campos, líder do Partido dos Trabalhadores (PT) no Amazonas recordou que “os presidentes Lula e Rafael Correa deram a largada no projeto bioceânico Manta-Manaus, que liga o Pacífico ao Atlântico, e contraria os interesses dos Estados Unidos, que quer a manutenção da nossa dependência via Canal do Panamá”. “Como tanto lá como aqui grupos econômicos teimam em conquistar vitórias eleitorais com a divulgação massiva de mentiras, necessitamos investir em meios de comunicação independentes e de qualidade como a ComunicaSul para democratizar informações ocultas por interesses contrários ao desenvolvimento dos nossos países e povos”, defendeu, já que “a vitória do projeto integracionista é a derrota do Tio Sam”.

O presidente do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, Thiago Tanji elogiou o “trabalho primoroso que o pessoal do ComunicaSul realizou nos últimos tempos no Chile, na Colômbia e em vários países do continente” e fez um “convite especial para que todos colaborem com quem faz um serviço essencial para a livre circulação de informações”.

De acordo com o médico Werner Rempel, vereador do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) em Santa Maria, “contribuir com a ComunicaSul é investir no fortalecimento da democratização da comunicação, numa informação de qualidade, sem meias verdades, capitulações nem manipulações”. “Na cobertura das eleições do Equador mais uma vez fará a diferença ao ecoar no Brasil a voz de lideranças políticas e

dos movimentos sociais que defendem a democracia e a integração latino-americana, contra os interesses do sistema financeiro e das transnacionais”, apontou.

“A Agência ComunicaSul é vitoriosa, bela experiência coletiva de mais de uma década em que meios de comunicação se somaram para fazer a diferença”, assinalou o economista Nilson Araújo de Souza presidente do Sindicato dos Escritores do Estado de São Paulo. Na sua avaliação, “no Equador será uma força para divulgar informação com dados e riqueza de conteúdo, em contraposição às fake news e ao silêncio da mídia venal”.

Na compreensão do jornalista João Franzin, da Agência Sindical, “mais do que nunca, para a afirmação de projetos de desenvolvimento nacional e consolidação de direitos, é essencial investir numa rede de comunicação que expresse a visão dos trabalhadores, contrária à cobertura feita pela grande mídia”.

HOMENAGEM A JAIME ROLDÓS

Na oportunidade, a ComunicaSul homenageará o ex-presidente equatoriano Jaime Roldós Aguilera. Líder da Concentração das Forças Populares (CFP) e fundador do Partido Povo, Mudança e Democracia, Roldós foi assassinado aos 40 anos pela CIA (Agência Central de Inteligência) em um “acidente” aéreo no dia 24 de maio de 1981. Naquele “Ano do Avanço”, o líder vinha colocando em prática o seu Plano Nacional de Desenvolvimento para romper com as amarras do atraso e da dependência.

Para o ator, compositor e poeta Luiz Carlos Bahia, “com a presença da Agência ComunicaSul no Equador, Jaime Roldós vive, pois segue vivendo quem luta pelo respeito e pela dignidade de ideias”. “Uma ideia ninguém mata!”, enfatizou.



Presidente banqueiro Guillermo Lasso aprofundou a crise (AFP e Presidência)

“MORTE CRUZADA” ÀS TORTURAS, TIROTEIOS E CADÁVERES: MÍDIA VENAL BUSCA ATERRORIZAR ELEIÇÕES NO EQUADOR

Monopólios de comunicação servis a Washington ocultam responsabilidade do Estado na crise econômica e social, agravada por Lasso

LEONARDO WEXELL SEVERO/
Hora do Povo

Desde o mecanismo da “Morte cruzada” utilizado pelo banqueiro Guillermo Lasso para dar uma sobrevida de alguns meses ao seu desgoverno, dissolver a Assembleia Nacional e chamar novas eleições presidenciais, a mídia equatoriana tem buscado monopolizar jornais, revistas, emissoras de rádio e televisão com tiroteios, torturas e cadáveres.

O objetivo é claro: desfazer do processo eleitoral convocado na marra para o próximo 20 de agosto, reduzindo o tema da insegurança a um jogo de polícia e ladrão, como

se a gestão pública nada tivesse a ver com a violência ter multiplicado as mortes por cinco nos últimos seis anos.

Os próprios dados oficiais dão a dimensão do descalabro social que se vê mergulhada a nação andina, que fechou 2022 com 4.823 homicídios intencionais, taxa superior a 25 por cada 100 mil habitantes, a mais alta da sua história. E como o descalabro prossegue, crescem as trágicas estimativas. A expectativa é de que este número alcance a 40 assassinatos por cada 100 mil pessoas neste ano. O recorde dos recordes no pequeno país.

Ao mesmo tempo, de forma banal, os conglomerados midiáticos, ali-

nhados com a cantilena neoliberal e neocolonial de privatização, arrocho e desemprego, tenta minimizar tiros e bombas à ação das gangues e do narcotráfico que tomam conta das ruas e das próprias penitenciárias. Donos do cifrão da verdade, omitem olímpicamente sua responsabilidade, secundarizando o debate sobre o papel do Estado na economia, na geração de emprego e renda, na garantia de direitos sociais e trabalhistas, e na qualificação e eficiência da própria estrutura da segurança pública.

As manchetes e holofotes vertem sangue e falam por si. “De um triciclo jogaram três cadáveres nus no bloco 17 da Flor de Bastión” es-

tampou o El Universo em manchete terça-feira (1). “Os corpos, de dois homens e uma mulher, estavam amarrados e com sinais de tortura em uma rua de terra”, onde se ouviram “ao menos dez tiros neste bairro de Guayaquil”, acrescentou.

No centro desta cidade portuária de cerca de 2,7 milhões de habitantes (Quito, a capital, tem dois milhões), havia sido registrado dois dias antes “um ataque armado que provocou a morte de duas pessoas nas proximidades do Malecón 2000”. Isso tudo registrou o Vista-zo, “durante o tempo em que cidadãos ainda caminhavam pela zona turística e comercial”. Os inúmeros disparos foram difundidos com esardalhaço pelas redes sociais.

ASSASSINATO DO PREFEITO DE MANTA

Na semana anterior, o assassinato do prefeito de Manta, Agustín Intriago, de 38 anos, com tiros de fuzil a poucos metros de distância comoveu o país. Como expressão do desespero, se espalha a greve de fome nas penitenciárias diante da crise carcerária em que se acumulam mais de 500 presos assassinados. Completamente rendido à lógica excludente do patrão do Norte, Lasso convoca o toque de recolher e estados de exceção em províncias. Um verdadeiro caos.

Com o ex-presidente Rafael Correa (2007-2017) exilado na Bélgica por perseguição política, a ex-deputada e advogada Luisa González, sua candidata, e do movimento Revolução Cidadã, ocupa a dianteira em todas as pesquisas à chefia de governo. “Lutamos pelos direitos de todos, aspiramos a uma sociedade menos injusta, com igualdade de oportunidades e livre de violência”,

defende, elevando o tom em defesa do patrimônio público, da geração de empregos e da garantia de direitos.

Mas para vencer no primeiro turno, esta organização progressista, que tem o jovem economista Andrés Arauz como candidato à vice-presidente, precisa de pelo menos 40% dos votos com uma vantagem de 10% sobre o segundo colocado. Desta forma evitaria o segundo turno, em 15 de outubro, e governaria com um mandato-tampão até maio de 2025.

O compromisso, esclareceu Arauz, “é vencer os interesses hegemônicos e os traidores, servis ao estrangeiro”. Para isso, em vez de cortar serviços, como fez o governo, “é necessário libertar o país do fracassado modelo econômico do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do rentismo financeiro, impulsionando uma entusiástica política de investimentos públicos para recuperar a economia”.

LASSO E SEUS CORINGAS

Candidato ao segundo lugar – e de olho na vaga rumo ao segundo turno -, o empresário Otto Sonnenholzner, líder da Associação Equatoriana de Radiodifusores (AER) na província de Guayas, foi vice-presidente do traíra L. Moreno em dezembro de 2018. Durante 12 anos foi condutor de um programa de entrevistas e gerente geral do rádio Tropicana de Guayaquil.

Outro profissional da injúria e da calúnia contra as forças progressistas, Fernando Villavicencio é um comunicador antissocial que tem nos seus afagos a Washington denunciar Julian Assange – protegido durante o governo de Correa na Embaixada do Equador na Inglaterra –

ra – por um suposto “gasto especial em Londres”.

Também no páreo rumo ao segundo posto, como já esteve anteriormente nas eleições presidenciais de 2021 em que chegou em terceiro, Yaku Pérez se faz de esquerda e indígena, mas na verdade – como já alertou Rafael Correa – “não passa de uma invenção da embaixada dos Estados Unidos”.

MANUTENÇÃO DO MODELO PRIMÁRIO-EXPORTADOR

Enquanto isso, a missão público-privada que esteve recentemente em Washington, conseguiu mais apoio para a aprovação da Lei de “Inovação e Desenvolvimento” do Equador (IDEA), com exportação tarifária zero desde que submisso ao modelo agrário-exportador. Cinicamente, os estadunidenses justificaram a concessão como Recuperação Econômica da Bacia do Caribe. Para o Equador, a aprovação da Lei IDEA significaria que Washington concederia preferências tarifárias para 56% dos produtos exportados aos EUA. Uma verdadeira beleza como podemos ver: o brócolis deixaria de pagar 14,9% de imposto, o atum 12,5%, ou as rosas, que têm taxa de 8%. Como apenas 0,2% das importações dos gringos vêm do Equador, abriria um verdadeiro “mercado de oportunidades”. Nada mais enganoso.

Fechando o circo de horrores, para barrar o retorno do correísmo ao poder, somam-se à mídia venal campanhas pagas desde outros países com contas e informações falsas que, utilizando-se da Inteligência Artificial (IA), buscam influir na campanha eleitoral da forma mais desavergonhada. É a hora do tudo ou nada.

EXECUÇÃO DE VILLAVICENCIO EM QUITO BENEFICIA ULTRADIREITA, DIZ CORRESPONDENTE DA HISPANTV

Morto, a tiros, candidato Villavicencio, na foto ainda em atividade eleitoral (AFP)



A dias das eleições e logo após assassinato do candidato à presidência do Equador, Lasso decreta Estado de Exceção

**LEONARDO WEXELL SEVERO/
Hora do Povo**

Fernando Villavicencio, candidato à Presidência do Equador, foi assassinado na reta final da campanha com três tiros na cabeça, na tarde desta quarta-feira (9), quando saía de uma atividade eleitoral numa escola na zona norte de Quito.

A Procuradoria-Geral do Estado informou que o homem preso como suspeito pelo ataque morreu logo após ter sido transferido, gravemente ferido, para a Unidade de Flagrantes. Além disso, outras nove pessoas teriam sido baleadas, sendo duas mortas, no confronto entre

atacantes e policiais que faziam a escolta.

LASSO COLOCA PAÍS EM ESTADO DE EXCEÇÃO

Dizendo que é para “garantir a democracia” – mas a colocando, na verdade, em risco – o presidente do Equador, Guillermo Lasso, se aproveita do assassinato para convocar Estado de Exceção o que, na prática, tolhe liberdades democráticas. Para o jornalista argentino e correspondente da HispanTV, Andrés Sal.lari, que acompanha o processo diretamente da capital equatoriana, não há a menor sombra de dúvida

de que o crime “beneficia a ultradireita”.

Afinal, é a casta enraivecida, ditatorial e avessa ao diálogo quem se fortalece com candidatos como o mercenário Jan Topic, que diz ter combatido na Ucrânia, e alardeia a necessidade da “mão dura” do Estado, em detrimento do crescimento econômico e da geração de emprego e renda.

Além disso, esclarece Sal.lari, “muitos meios de comunicação sugerem que foi o ex-presidente Rafael Correa (2007-2017) – exilado na Bélgica – quem mandou matar Villavicencio”. “Isso tudo porque Villavicencio dizia que Correa tinha

um acordo com o jornalista Julian Assange, fundador do WikiLeaks. E que iria mantê-lo asilado na Embaixada do Equador em Londres para que escondesse supostos casos de corrupção. Falava até de fundos secretos que Correa teria para o caso Assange”, recorda.

Declarações estapafúrdias e sem qualquer base, logo seguidas pelas do grupo mafioso local “Los Lobos” que assume a autoria do assassinato. “Num momento em que a candidata da Revolução Cidadã, Luisa González, candidata de Correa e favorita em todas as pesquisas, disputa cada ponto percentual para definir as eleições no primeiro turno, marcadas para o próximo dia 20, os dois ou três pontos que faltavam parecem ficar mais longe”, avalia o correspondente.

No país, para que as eleições sejam definidas no primeiro turno, é preciso que o candidato alcance 40% dos votos e abra uma vantagem de 10% sobre o segundo colocado. Conforme o instituto de pesquisas TelcoData, terça-feira (8), Villavicencio aparecia em quarto lugar com 6,8% dos votos, contra 30,5% de Luisa González.

O fato é que a grande mídia, assinada Andrés, começa a bater de forma subliminar, mas identificando claramente o alvo. “Uma repórter da Teleamazonas entrevista um eleitor de Villavicencio que culpa Correa. Pega o microfone, olha para a câmera e diz: ‘Assim é’...” Ou seja, não somos nós quem estamos emitindo uma opinião, mas “o povo”. “Não se

pede precaução, investigação, análise”, acrescenta o correspondente. Rafael Correa foi sintético no Twitter: “Fernando Villavicencio foi assassinado. O Equador se tornou um estado falido. Dói Pátria. Minha solidariedade à sua família e a todas as famílias das vítimas da violência. Os que pretendem semear ainda mais ódio com essa nova tragédia, espero que entendam que isso somente segue nos destruindo”.

“Com indignação recebo a terrível notícia do atentado que causou a morte de Fernando Villavicencio, isso nos entristece a todos. Meu abraço solidário a todos os seus familiares e companheiros. Este ato vil não ficará impune!”, destaca Luisa González.

AMEAÇADO PELO CARTEL DE SINALOA

Há poucos dias Villavicencio disse ter sido ameaçado pelo Cartel de Sinaloa – também conhecido como C.D.S, de Chapo Guzmán, um grande sindicato do narcotráfico e do crime organizado. Como esclareceu o candidato em entrevista, um relatório policial revelava “uma gravíssima ameaça de um dos chefes do Cartel de Sinaloa: refiro-me ao pseudônimo Fito, contra mim e minha equipe de campanha com a advertência de que se eu continuar citando ele e sua estrutura, eles me atacam ou atentarão contra a minha vida”.

De acordo com o diretor da consultora Icare, Pedro Donoso, “Villa-

vicencio foi a representação do anticorrêismo e as hipóteses vão apontar para isso”. “A campanha não será a mesma, para além do candidato assassinado”, acredita.

Execrado pela população, identificado com a lógica neocolonial de privatização, arrocho salarial e desemprego, o presidente Guillermo Lasso declarou sua “indignação” e jurou que “esse crime não ficará impune”. Para dar a dimensão da sua fúria, convocou para um “Gabinete de Segurança” no Palácio Carondelet, em Quito, a presidente do Conselho Nacional Eleitoral, Diana Atamaint; a Procuradora-Geral do Estado, Diana Salazar; o presidente da Corte Nacional de Justiça, Iván Saquicela, e... as Forças Armadas.

Mais preocupada em criminalizar Correa e derrotar Luisa González, a mídia venal faz o jogo de Lasso, deturpando, manipulando ou invisibilizando os acontecimentos.

Diante das movimentações e da gravidade da situação – a violência multiplicou as mortes por cinco nos últimos seis anos – tudo indica que o assassinato de Villavicencio foi planejado para alterar o resultado eleitoral. Ou suspender as eleições.

...

Esta matéria foi produzida horas antes de embarcarmos a Quito para noticiar, desde o país latino-americano, as eleições presidenciais em iniciativa jornalística integrada com a equipe da Comunicasul

UM DIA APÓS EXECUÇÃO DE VILLAVICENCIO, DISPARAM CONTRA CANDIDATA À ASSEMBLEIA DO EQUADOR

Após colocar o país em Estado de Exceção, presidente Guillermo Lasso é forçado a voltar atrás na sua tentativa de impedir liberdade de reunião, mas mantém vários obstáculos à campanha



Parte dianteira do carro de Estefany Puente foi crivada de balas, ampliando o clima de terror e medo (Twitter)

**LEONARDO WEXELL SEVERO E
MONICA FONSECA/
ComunicaSul, Direto de Quito**

Menos de 24 horas após a execução na saída de uma escola de Quito do candidato presidencial Fernando Villavicencio, quarta-feira (9), a candidata à Assembleia Nacional, Estefany Puente, teve o carro crivado de balas em Quedo, a 140 quilômetros da capital, ampliando o clima de terror às vésperas do processo eleitoral do próximo dia 20 (domingo).

"Hoje fui vítima de um atentado contra minha integridade", denunciou Estefany Puente na quinta-feira (10). A aspirante à deputada da

aliança "Claro que se pode" pela província de Los Ríos disse que esta crise de insegurança é consequência do abandono a que o povo foi submetido. "Fomos esquecidos por um governo inoperante, envolvido em corrupção, de máfias, resultado dos governos anteriores e do atual, dos que negociam com os grupos delitivos e são resguardados por tais", acrescentou a candidata, partidária de Yaku Pérez, novo aliado da casta conservadora à presidência.

O assassinato de um homem alinhado a Washington, como Villavicencio, que vociferava contra o apoio do ex-presidente Rafael Correa (2007-2017) a Julian As-

sange e ao WikiLeaks na luta pela democratização da comunicação, e os disparos numa aliança colaboracionista, como Yaku, são utilizados pela mídia venal para atacar, irresponsavelmente, as forças progressistas.

Em uníssono, grandes jornais, rádio e televisão fazem campanha aberta contra a advogada Luisa González, ex-deputada do movimento Revolução Cidadã. A candidata do "correísmo", ao lado do economista Andrés Arauz busca fazer com que o país andino retome sua soberania e abandone o servilismo aos Estados Unidos.

"Estão tentando fazer com que a opinião pública não reflita sobre

tudo o que foi feito nos anos de Correa e o responsabilize, sem qualquer prova, pela morte de Villavicencio”, declarou Anita, jovem motorista de Uber, enquanto nos conduzia pelas ruas do belo Centro Histórico de Quito. “Eu não me deixo enganar e darei meu voto a Luisa, mas tudo é muito incerto”, acrescentou.

Nas redes sociais, há uma guerra de versões sobre a autoria da morte de Villavicencio. Inicialmente circulou um vídeo com pessoas fardadas de negro e com o rosto tapado, identificadas como integrantes da organização mafiosa “Los lobos”, admitindo a autoria do crime. Villavicencio havia alertado que estava recebendo ameaças do Cartel de Sinaloa, do mexicano Chapo Guzmán, e de delinquentes ligados ao narcotráfico. Mais recentemente, circulam pelas redes declarações de hipotéticos membros dos Lobos, todos vestidos de branco, dizendo que “não assassinam políticos”.

MANTO DE SILÊNCIO

Diante da pressão dos mais amplos setores contra o manto de silêncio à campanha com o “Estado de Exceção” imposto ao país, o presidente banqueiro Guillermo Lasso voltou atrás e revogou a limitação do direito à liberdade de reunião em território nacional.

Gozando de enorme impopularidade, Lasso disse haver sido “mal interpretado” e que a medida não era de restrição à campanha eleitoral.

O novo decreto do Executivo, que estará vigente por 60 dias em todo o país, não inclui toque de recolher, mas continua impondo a mobilização das Forças Armadas para apoiar as arbitrariedades da Polícia – que já jogou até gás lacrimogêneo em Luisa González na porta do Conselho Nacional Eleitoral (CNE) –; autoriza as Forças Armadas e a Polícia a fazerem o “uso legítimo e excepcional da força” em contextos de controle de “ordem pública, proteção interna e segurança cida-

dã”, além de suspender o direito à inviolabilidade de domicílio, entre outras barbaridades dirigidas contra a democracia.

Para o ex-presidente Rafael Correa, defensor da candidatura de Luisa, “é preciso ter uma estratégia integral de segurança”. “O crime organizado não se combate somente com mais pistolas para a Polícia, que tampouco as têm, senão com inteligência, com tecnologia, com articulação internacional. O que se passa no Equador ‘não é azar’, é consequência o abandono, da negligência, da incompetência e inépcia de todos estes anos”, sublinhou.

De acordo com Correa, “desmantelaram tudo, diziam que era um Estado obeso. Eliminaram o Ministério Coordenador da Segurança, eliminaram o Ministério da Justiça, encarregado das penitenciárias, que agora estão sob o controle das máfias; eliminaram o Ministério do Interior, encarregado da segurança cidadã e do controle policial”.

ESPECULADORES QUEREM USAR ELEIÇÕES PARA ASSALTAR PREVIDÊNCIA EQUATORIANA, DENUNCIA EX-MINISTRA

Professora e pesquisadora da Universidade Central do Equador, Katuska King, defende o Instituto Equatoriano de Seguridade Social (IESS)

Antes de ser forçado a convocar novas eleições para o próximo domingo (20), o presidente banqueiro Guillermo Lasso propôs uma "reforma" da Previdência que entrega aos especuladores o Instituto Equatoriano de Seguridade Social (IESS), como assumido pelo governo com o Fundo Monetário Internacional (FMI). Uma comissão criada por Lasso indica o aumento das contribuições de 30 para 35 anos e a redução das aposentadorias, abrindo caminho para a privatização. Em entrevista exclusiva, Katuska King, ex-ministra da Economia do governo de Rafael Correa e doutora em Estudos do Desenvolvimento, denunciou a manobra: "querem ampliar a participação do mercado financeiro, querem mais especulação e lucro para os especuladores e não melhoras para o sistema". Por isso, alertou a professora e pesquisadora da Universidade Central do Equador, "repetem a todo o tempo a mesma ladainha, que o sistema de Seguridade Social está quebrado, que nunca funciona. Forçam uma espécie de desencanto". Conforme Katuska, a campanha eleitoral deveria ser um momento de debate sobre os problemas estruturais, não somente seus efeitos aparentes, "se fala dos sintomas que se vê por fora, e pouco sobre as raízes estruturais". "Defendemos o fortalecimento do Estado", sublinhou.

LEONARDO WEXELL SEVERO E
MONICA FONSECA/

ComunicaSul, Direto de Quito
Há uma disputa eleitoral em que o presidente Guillermo Lasso tenta continuar governando por decretos, enfraquecendo o papel do Estado. Tens denunciado o projeto privatista



Ex-ministra da Economia do Equador, Katuska King, doutora em Estudos do Desenvolvimento (Twitter)

em relação à Seguridade Social. O que está em jogo?

É muito importante e está inscrito na Constituição valorizar o papel do Estado em prol de uma sociedade melhor, proposta no Sumak kawsay [o Bem Viver na cosmovisão quéchua], garantido constitucionalmente. Por representar direitos, desagrada a certos setores do país que propuseram "reformas" na Constituição. Defendemos que o fortalecimento do Estado passe por várias questões, que represente aumento da arrecadação e também melhor gasto, dirigido à parcela que mais necessite. O revigoramento do Estado passa pela Seguridade Social, que cobre principalmente as pessoas em situação de dependência.

A Constituição equatoriana propõe que a Seguridade esteja voltada a toda população, não somente aquela em situação mais débil, mas dirigida

da à universalidade.

Isso é importante pois no Equador, assim como na América Latina, temos muitas pessoas que trabalham sem um emprego formal, precisando buscar outras maneiras de ganhar a vida, de forma autônoma, por conta própria. No nosso país, uma de cada três pessoas trabalham sem estarem cobertas pela Seguridade Social.

Esta população, que é muito grande e está por fora do mercado formal, deveria estar coberta. E aqui temos problemas. O sistema de Seguridade foi pensado para países em que a informalidade quase não existia. A sociedade mudou, então é necessário que este sistema também mude. Por um lado, as pessoas vivem mais e por outro há menos cotistas no sistema, que necessita mudar para ser sustentável.

Há interesses do setor financeiro de irmos para o sistema de capitalização individual, como o do Chile. Conhecemos como um modelo em que as pessoas não precisam de ajuda, em que cada uma paga pelo seu. Não há nada de solidariedade e quem tem baixos ingressos, ou precários, não vai sequer chegar a ter pensões. Obviamente, não falam dos problemas práticos que tiveram os chilenos com as Administradoras de Fundos de Pensão (AFP), com seus baixos rendimentos ou as baixas pensões pagas aos aposentados.

Quando você tem este modelo, tens o sistema de poupança. É quando há várias instituições que, em tese, podem te ajudar a garantir sua pensão, ou aposentadoria. Mas o que se faz não é garantir um direito de Seguridade Social, mas concentrar os recur-

sos em poucas mãos, e não se pode sequer garantir que serão pagas as pensões. É grave esta situação. No México, também funciona este sistema de capitalização individual, eles têm vários sistemas. Fizeram uma mudança um pouco depois que o Chile, e o Estado teve que intervir e pagar o que aparentemente era financiado. As pessoas contribuíram, os especuladores enriqueceram e

“ No sistema de capitalização individual não há nada de solidariedade e quem tem baixos ingressos, ou precários, não vai sequer chegar a ter pensões ”

não pagaram, fazendo com que as pessoas protestassem e o Estado tivesse que subsidiar. É preciso fazer mudanças que respeitem os princípios de solidariedade e equidade.

É um tema impopular e por isso muitas vezes os candidatos que defendem o retrocesso se omitem, enquanto têm suas campanhas financiadas para defender interesses dos cartéis privados. Como se desmascara isso?

Escrevi há uns dois anos o artigo “Os presságios de quebra como profecias autocumpridas e a antessala das AFP” [Los presagios de quiebra como profecias autocumplidas y antesala de las AFP] em que aponto que eles repetem a todo o tempo a mesma ladainha, que o sistema de Seguridade Social está quebrado, que nunca funciona. Forçam uma espécie de desencanto, de baixa credibilidade. Este discurso repetitivo não vem de agora. O processo vem de três décadas, quando quiseram implementar um sistema de capitalização privada. Em 1995 se fez uma consulta e as pessoas votaram pelo Não, que ganhou com mais de 60%.

É um atentado que vem de longe...

Exato, não é algo recente, já faz tempo que querem implementar um modelo que fracassou, como em outros países. Agora esta proposta apresenta algo que devemos estar atentos para perceber. Eles mantêm o sistema atual, e planejam fazer obrigatório o tema da capitalização pessoal, por instituições privadas

ou públicas e, também, mantém o sistema de apoio às pessoas em situação de vulnerabilidade. Querem estabelecer um teto para o aporte de recursos do Estado, de acordo com o Produto Interno Bruto (PIB). Está muito claro que não pensam em como tornar sustentável o sistema, mas em fortalecer a capitalização individual e não em incluir quem está de fora. O que fazem é ampliar

a participação do mercado financeiro, querem mais especulação e lucro para os especuladores e não melhoras para o sistema.

Como ex-ministra, às vésperas das eleições, como avalia que os meios de comunicação estejam atuando em relação a esses interesses, que os financiam?

Quando temos uma posição pública temos uma voz pública, e é possível fazer um contrapeso aos interesses privados. Neste momento, o tema midiático é terrível. O que fazem é entrevistar somente os analistas que têm as mesmas posições, não há espaço para a pluralidade, não há espaço para vozes distintas, para visões alternativas. Isso faz as pessoas terem um sentimento de desesperança. E isso não é em um só meio de comunicação, é toda uma cadeia em que vão aparecendo e repetindo o mesmo tema, de variadas maneiras, ocultando seus interesses. De forma repetitiva fazem o discurso de que a Seguridade Social está quebrada, fazem um diagnóstico

“ Querem ampliar a participação do mercado financeiro, querem mais especulação e lucro para os especuladores e não melhoras para o sistema ”

irreal. Afirmam que as pensões têm problema de sustentabilidade. Porém este não é o único problema, e temos que corrigi-los. Há muitos recursos que perdemos, por exemplo na Saúde, e isso não está sendo debatido.

Aliás, dizem: se você tem um sistema particular, não precisa pagar pelo sistema público de saúde. Estão fazendo uma reforma parcial, sobre uma parte, e não estão trabalhando a integralidade. É óbvio que há interesses financeiros por detrás.

Teremos no próximo domingo (20) um confronto com os privatistas e há toda uma manipulação, com destaque para cadáveres, sequestros e torturas. Colocam em relevo a violência como causa, mascarando os problemas, sem discutir a conexão com o agravamento do desemprego, da miséria e da fome. O que há por trás disso?

Elegeram a violência como tema e, lamentavelmente, não se fala da geração de empregos. Se fala da reforma da Previdência sem falar dos direitos dos trabalhadores, da geração de emprego e renda. Confundem meios e fins. Falam de acordos comerciais. Mas o que não está em discussão é a proposta estrutural, o que queremos para impulsionar o setor produtivo, qual vai ser a nossa proposta de mudança para o Equador. Como vemos em outros países, se fala dos sintomas que se vê por fora, e pouco sobre as raízes estruturais.

Isso aqui é um tema: por que a economia do crime cresceu tanto no Equador? Um dos fatores é que a população que está na economia informal não tem outra opção. É muito importante que, quando se gera crescimento, isso venha acompanhado de empregos. Um crescimento que mantém a mesma estrutura concentradora na área exportadora, que não gera empregos, não vai resolver as coisas. Este é um projeto para o país e não uma campanha para dois anos [o próximo mandato será tampão, até 2025], res-

trita a estas eleições, é uma discussão mais profunda. Precisamos de uma visão estratégica, do que queremos para o futuro. Isso falta a nossos países. Nossos governos não entendem as coisas a longo prazo.

LUISA BATE NOS BANCOS, DEFENDE ESTADO E SAI VITORIOSA DO DEBATE PRESIDENCIAL EQUATORIANO



Militância dá segurança e acompanha atenta no telão, em frente à TV Equador, participação da candidata da Revolução Cidadã, Luisa González (LWS/ComunicaSul)

Depois do confronto de quase três horas em que reafirmou o compromisso com a industrialização e a geração de empregos, candidata da Revolução Cidadã liderou passeata em Quito

LEONARDO WEXELL SEVERO/
ComunicaSul, Direto de Quito

A candidata do movimento Revolução Cidadã (RC), Luisa González, demonstrou no último debate presidencial, neste domingo (13), a razão de estar à frente dos sete demais postulantes em todas as pesquisas de opinião de voto para o próximo dia 20.

De maneira enfática, Luisa defendeu o fortalecimento do Estado como instrumento de justiça social, combateu “o favorecimento aos bancos”, se comprometeu a “construir a refinaria do Pacífico para gerar postos de trabalho” – 25 mil empregos diretos e indiretos – e a dar prioridade a saúde,

a educação e a segurança pública, asfixiadas pela camisa de força da política fiscalista e recessiva ditada pelas metas assumidas pelo governo junto ao Fundo Monetário Internacional (FMI).

Com a área social cambaleante, o país agroexportador de alimentos exhibe atualmente a segunda mais alta taxa de desnutrição infantil da América Latina, só superada pela Guatemala. Conforme os próprios dados oficiais, 23,1% das crianças equatorianas menores de cinco anos têm desnutrição crônica ou atraso no seu crescimento. Diante do desespero crescente, os crimes se multiplicaram cinco vezes nos últimos seis anos, fazendo o item segurança subir na preocupação e

ganhar o topo nos discursos, com uma abordagem extremamente reacionária por parte da ultradireita.

Mas o formato do debate montado pela Equador TV, canal estatal dirigido por asseclas do presidente banqueiro Guillermo Lasso, amarrou a livre expressão e o questionamento das raízes do caos, na tentativa de reduzir o debate sobre os destinos do país a um jogo de faz de conta. “Estão roubando o meu tempo. Peço que não interrompam a minha exposição de ideias”, condenou Luisa, ao ter sua voz silenciada mais de uma vez pelos debatedores.

A candidata do ex-presidente Rafael Correa (2007-2017), condenou o megaempresário midiático e de teleco-

municações, Jan Topic, por ser “pres-tador de serviço do Estado e, por conta disso, só falar em segurança”. Topic se apresenta como um “franco-atirador” da Legião Estrangeira que já combateu na Ucrânia, na Síria e na África. Uma espécie de Rambo fascistóide, fundador da maior empresa de segurança do Equador.

Ao mesmo tempo, Luisa González esbanjou de ironia e arrancou risos quando agradeceu o candidato Yaku Pérez “por reconhecer que as mulheres são melhores administradoras”. “Sendo assim, conto com seu voto”, disse a única candidata à presidência.

Embora tentassem não aprofundar as críticas entre os nomes da direita e da ultradireita, de olho em um eventual segundo turno contra a Revolução Cidadã, sobraram farpas entre os aspirantes. No Equador, para vencer em “primera vuelta”, o candidato precisa fazer ao menos 40% dos votos com 10% de diferença sobre o segundo colocado.

Identificando a maior debilidade de Topic, Yaku Pérez foi certeiro: “Você só crê em pá-pá-pá”, fazendo o gesto de um revólver. E acrescentou: “Escolha dois soldados legionários, os melhores entre vocês, e lhe convido para entrar em campo e jogar ecuavolley [um jogo de vôlei equatoriano]”. Topic retrucou e não lhe deu bola, dizendo que o momento era muito sério para joguinhos.

Também apontando o envolvimento de Jan Topic com negócios do Estado no transporte, o candidato e megaempresário Otto Sonnenholzner ironizou o pretenso distanciamento: “Mas você não é o dono dos radares, Jan?”.

Economista formado em Harvard, nos Estados Unidos, Sonnenholzner foi abordado por Yaku, que lançou petardos contra o empresário de rádio e televisão, por ter deixado a vice-presidência no governo de Moreno, em meio a protestos e denúncias. “Em vez de abandonar o barco, por que não lutar de dentro para conseguir reformas?”, questionou.

Filho do megaempresário do setor

bananeiro Álvaro Noboa, que tentou cinco vezes ser candidato à presidência, Daniel Noboa apresentou sua candidatura como um almofadinho a serviço de Topic, que lhe agradeceu a parceria. “Daniel, graças pelos números... Daniel, excelente tua pergunta”, sorria Topic. A máxima expressão de força de Noboa foi dizer que “o governador que não trabalha será mandado para casa com uma patada”. E por aí ficou.

O candidato Bolívar Armijos beirou o ridículo ao colocar entre as suas propostas “a contratação de 10 (dez!) médicos para assessorar o ministro de Saúde”. Igualmente, Xavier Hervas, do movimento Renovação Total (Reto), quando disse que “acionaria a Organização das Nações Unidas (ONU) para declarar os grupos delinquentes como terroristas”.

De diferentes formas, os conglomerados midiáticos equatorianos procuraram passar um distanciamento do debate, omitindo sua inclinação por Topic, que teve suas reações apresentadas ao público no tempo dos demais candidatos. Além disso, é omitida a enxurrada de propaganda que invade nossos celulares e computadores quando acionamos a internet. Afinal, Jan é filho de Tomislav Topic, dono da Telconet, que controla o serviço de internet disponível aos equatorianos.

De todos os jornais, o La Hora foi o mais claro nas suas pretensões ao afirmar, com destaque, que não é a vontade popular o que deve determinar a linha de ação de um governo, mas os interesses econômicos que regem o país contra a democracia e a soberania. “O próximo mandatário

terá o campo demarcado e escassa margem de financiamento de fora. O Fundo Monetário Internacional está outra vez no horizonte”, sentenciou. E foi mais fundo: “Sem importar a tendência política, o próximo presidente da República deverá priorizar os gastos e focar no mais urgente. As promessas de gastar mais que Guillermo Lasso, ainda que estejam carregadas de boas intenções, como a luta contra a delinquência e a reativação econômica, são inviáveis”. E pintou com letras fortes: **inviáveis**.

Para arrematar, o La Hora também ecoou as palavras do ministro da Economia, Pablo Arosemena. “Quando você tem dois buracos e uma rocha, você cobre um e o outro fica descoberto. Os recursos devem ser priorizados onde são mais necessários. Fechamos com sucesso um acordo com o FMI”, destacou o ministro de Lasso.

Na tentativa de que a orquestra financeira não desafine, a grande mídia está empenhada na reta final em derrotar Luisa González. A última novidade é a candidatura do “jornalista investigativo” Christian Zurita, em substituição a Fernando Villavicencio, assassinado em condições muito mal explicadas na saída de uma concentração eleitoral numa escola de Quito.

Fundadores do portal “Jornalismo de Investigação”, Villavicencio e Zurita foram celebrados pelo cartel midiático ao revelarem pretensas “tramas de corrupção”, relacionadas, principalmente com o governo do ex-presidente Rafael Correa.

Por não ter sido inscrito a tempo, Zurita ficou de fora do debate.



Lugar do candidato assassinado ficou vazio

PARTICIPAÇÃO ÀS VÉSPERAS DA ELEIÇÃO MOSTRA QUE EQUATORIANOS NÃO SE SUBMETEM AO DISCURSO DE ÓDIO



Manifestantes acompanharam candidaturas de Luisa González e Jan Topic em frente à sede de Equador TV, em Quito



Maribel Cedeño (de jaqueta marrom) defende o "ressurgir da Pátria"

Somos um povo de gente em pé e não vamos mais viver como estamos vivendo. Por isso Luisa tem o apoio da maioria das pessoas, e vai ganhar estas eleições no primeiro turno".

"HOJE SÃO OS DELINQUENTES QUE GOVERNAM"

"Com Lasso o Estado está falido, não tem capacidade de governar. Hoje são os delinquentes que governam, e fazem isso com a cumplicidade do governo", ressaltou Caluopiña. "Os sete demais candidatos são todos aliados da direita neoliberal, todos são a mesma coisa. Com qualquer um deles a destruição do Equador vai continuar, todos representam o mesmo projeto de Lasso", apontou. Cristian Jácome (37) estava na praça com sua família. Ex-presidiário, participou de um programa social

**MONICA FONSECA SEVERO/
ComunicaSul, Direto de Quito
Fotos: LWS/ComunicaSul**

No domingo (13), uma semana antes das eleições, os equatorianos tomaram as imediações do Parque Carolina, na Avenida Amazonas, uma das artérias de trânsito mais importantes da capital, em frente ao local do último debate presidencial.

Giovani Caluopiña (42), que com sua família tem um pequeno negócio de bijuterias, afirmou que "em primeiro lugar, precisamos ter uma mulher na presidência", mas uma que tenha "compromisso com os direitos dos trabalhadores". Defensor da candidatura do movimento Revolução Cidadã, declarou que "durante os dez anos (2007-2017) tivemos uma vida melhor, com educação, com saúde de melhor quali-

dade, com investimentos na agricultura e mais segurança. Luisa é o legado de Rafael Correa, somente eles têm compromisso com as reais necessidades dos equatorianos.



Nina Franco e Josué Cruz: dois jovens candidatos da Revolução Cidadã

desenvolvido pelo governo Correa e voltou a estudar. Na cadeia, observou a grande força da corrupção e do racismo na instituição. “É muito difícil arrumar trabalho quando você já esteve preso, se eu não tivesse tido ajuda, nem sei o que seria. Rafael mudou a minha vida, agora estou no segundo ano da Faculdade de Direito, por isso minha família toda está aqui”, explicou.

“LUIZA E ANDRÉS, A PÁTRIA OUTRA VEZ”

Maribel Cedeño, dona de casa, cantava “Luiza e Andrés, a pátria outra vez” enquanto balançava sua bandeira. “Estou na rua estes dias pois precisamos de mudanças, por nossos filhos, pela nossa segurança, por todas as mulheres. Com Correa tínhamos apoio nas escolas, bolsas de estudos, melhor saúde e cuidado com os idosos, as aposentadorias eram melhores. Éramos o segundo país mais seguro da América Latina, e isso é fundamental para nossas vidas, além de ser muito importante para o turismo”, enfatizou.

Josué Cruz (20), um jovem candidato à Assembleia Nacional [de 137 deputados], relatou que a candidatura não foi uma proposta sua, mas fruto de um processo interno de escolha. Liderança juvenil, está



Cristian Jácome participou com a família

engajado em várias ações sociais, especialmente ligadas à educação. Nina Franco (29) outra jovem liderança candidata à deputada, relatou que “como jovem e mulher, a realidade me atravessa de todas as maneiras: a violência, o desemprego nos afetam de maneira muito forte”. Estudante de Ciências Sociais, contou que trabalha “num grupo de voluntários em um projeto de educação”. “Temos escolas populares, nos mercados e em outros locais, para alfabetizar as crianças que estão trabalhando e, por isso, não vão para a escola”. A ação reutiliza materiais que seriam descartados, e envolve um grupo

de captação e outro que realiza o trabalho de campo. “Somos independentes e realizamos ações sem nenhum apoio do Estado”, “fazemos pois queremos prosperidade para os nossos e para todos os filhos”. “Nosso compromisso social é também com a geração de renda, então ajudamos grupos de artesãs a se organizarem, para que possam sobreviver”, relatou a candidata. “Estamos cansados do discurso de ódio, daqueles que querem apagar o povo, por isso vamos vencer no dia 20 de agosto”, disse Nina.

PRIORIDADE É SEGURANÇA, DEFENDEM APOIADORES DE TOPIC

Alex Oto (27), que se manifestava a favor do candidato Jan Topic, estudante de telecomunicações que trabalha instalando fibras óticas, declarou estar com o candidato pois este “demonstra grande capacidade para resolver o mais grave problema do país, que é a segurança”. “Ele conhece tudo de tecnologia, é um ex-militar que conhece todas as técnicas para resolver o problema da segurança, não é um amador. Depois de resolver o problema principal, vai se dedicar a tratar de educação, das finanças. Mas antes, é preciso atacar as máfias e a delinquência. Nas escolas, o projeto é oferecer três refeições ao



Alex Oto apoia Topic por preocupação com a segurança



A equipe do megaempresário Jan Topic não ficou para assistir o debate

dia para as crianças, isso vai fazer a diferença e afastá-las do tráfico de drogas. Na saúde, Topic vai abastecer os hospitais”, frisou Alex. Maíra Medina (37), supervisora de uma empresa de telecomunicações,

também apoiadora de Topic, ressaltou que se trata de “um candidato jovem, que oferece boas opções na área de segurança, num momento em que estamos todos com medo de sair às ruas”. “Ele tem experiên-

cia e conhecimento para nos proteger e terá um prazo curto para usar sua metodologia”. “Já estive com ele em algumas ocasiões, e gosto de como é realista. Uma vez o perguntaram o que faria para acabar com o desemprego. Ele respondeu: ofereço o que posso cumprir, no curto mandato o que posso fazer é resolver o problema de segurança”, exemplificou Medina. “Foi terrível o assassinato do candidato (Villavencio), e temos que lutar para que isso nunca mais ocorra com quem defende nosso país. Por isso apoio Topic”, concluiu.

Na ocasião, nossa reportagem não identificou apoiadores de outras candidaturas. Sem sucesso, tentamos colher mais depoimentos dos apoiadores do candidato Topic. Notamos também que Maíra e Alex, que se dispuseram a falar conosco, trabalham em empresas do ramo ligado aos negócios do candidato.

SINDICALISTA E MILITANTE HISTÓRICO DA REVOLUÇÃO CIDADÃ, PEDRO BRIONES É ASSASSINADO NO EQUADOR

“Briones era uma referência de luta contra as grandes corporações da rica província de Esmeraldas. Sindicalista, foi o primeiro companheiro perseguido pelo traidor Moreno”, afirmou a ex-deputada Jhayaira Urresta

CAIO TEIXEIRA, LEONARDO WEXELL SEVERO E MONICA FONSECA/
ComunicaSul, Direto de Quito

O sindicalista Pedro Briones, dirigente histórico do movimento Revolução Cidadã (RC), de Rafael Correa, foi morto a tiros por dois assassinos que passaram de motocicleta em San Mateo, na província nortenha de Esmeraldas, fronteira do Equador com a Colômbia, nesta segunda-feira (14). O crime foi olímpicamente ignorado pelos conglomerados midiáticos locais, que quase nada publicaram ou divulgaram.

O silêncio da mídia é explicado pela tentativa de vincular o “correísmo” com o assassinato, na semana passada, de Fernando Villavicencio, um dos candidatos da direita à presidência. A estratégia visa negar a responsabilidade do presidente Guillermo Lasso e os interesses diretos da ultradireita com o banho de sangue, particularmente do candidato Jan Topic, cuja marca é o discurso fascistóide em defesa de um Estado “mano dura”.

Pedro Briones era conhecido por enfrentar as corporações em Esmeraldas, província muito rica mas super explorada. Ele foi parte do processo da Revolução Cidadã, como ficaram conhecidos os dois períodos de governo de Rafael Correa, entre 2007 e 2017. Segundo seus companheiros de partido era especialmente um formador da juventude e uma referência de



luta e lealdade política.

“Quando tivemos a traição do senhor Moreno como presidente da República e ele deu as costas não somente ao projeto político da Revolução Cidadã, mas ao povo equatoriano, o primeiro companheiro que foi perseguido por ele foi o companheiro Briones”, recorda a ex-deputada Jhayaira Urresta, casada pelo “morte cruzada” [a dissolução da Assembleia Nacional e convocação de eleições, que deu ao presidente mais seis meses de mandato para governar por decretos].

“O Equador vive sua época mais sangrenta. Isso se deve ao abandono total de um governo incapaz e a um Estado tomado por máfias. Meu abraço solidário à família do

companheiro Pedro Briones, tomado nas mãos da violência”, declarou a candidata Luisa González, do RC, frisando que “a mudança é urgente”.

Nas últimas eleições municipais foram assassinados dois militantes do RC. Um candidato a vereador na província de Manabí, a poucas horas de iniciar a votação, e um jornalista, candidato a vereador na província de Pichincha.

“A Revolução cidadã está de luto todos os dias porque matam nossos companheiros a mando do governo central, como mataram ontem o companheiro Briones”, denuncia indignada Jhayaira Urresta, candidata à reeleição, apesar de tudo.



“LASSO INAUGUROU UM NARCOESTADO”, DENUNCIA LIDERANÇA HISTÓRICA DAS MULHERES EQUATORIANAS

Rosa Salazar, liderança histórica da Federação Democrática Internacional de Mulheres (Foto: Governo do Equador)



Depois do confronto de quase três horas em que reafirmou o compromisso com a industrialização e a geração de empregos, candidata da Revolução Cidadã liderou passeata em Quito

“Este é um Estado narco, um governo que está junto do crime organizado”, afirmou Rosa Salazar, liderança do movimento estudantil e feminino equatoriano, na luta desde a década de 60. “Já não podemos dizer que vivemos em uma democracia. Exigimos sua devolução”, enfatizou Rosa, dirigente da Federação Democrática Internacional de Mulheres (FDIM) e representante da Coordenação de Mulheres Trabalhadoras da área Andina do Mercosul. Participante do processo de promulgação da Lei para Prevenir e Erradicar a Violência contra as Mulheres (2018), Rosa é apoiadora da candidatura de Luisa González, do movimento Revolução Cidadã.

MONICA FONSECA SEVERO,
ComunicaSul, Direto de Quito

O que está se passando no Equador? As notícias que nos chegam são de um país tomado pela máfia e a grande mídia nada fala sobre a realidade.

Aqui trabalhamos em uma aliança estratégica para fazer um tecido social forte. Isso nos foi imposto pela realidade. Comparamos o que vivemos agora com o que tínhamos durante dez anos de muito reconhecimento dos nossos direitos como mulheres, como povo, como país no governo do economista Rafael Correa (2007-2017).

Depois de Correa, enfrentamos

muitos problemas. Nós apoiamos a candidatura de Lenín Moreno porque era militante da Aliança País e seu sucessor. Entretanto nunca, jamais poderíamos imaginar que ele era um traidor.

Antes mesmo da pandemia, Moreno aumentou os impostos e a tributação, retirou o subsídio da gasolina e atacou os direitos que havíamos conquistado. Por isso o povo se levantou em outubro de 2019. E a resposta do governo foi com armas letais, assassinando nosso povo. Inclusive atacaram os lugares em que estavam hospedados nossos irmãos indígenas, as crianças, as mulheres, os idosos. E nossos companheiros morreram, muitos ficaram feridos,

outros foram presos num ataque que foi condenado pela Corte Internacional dos Direitos Humanos. [Em outubro de 2019, durante 13 dias, o povo equatoriano realizou um levante popular contra as medidas recessivas apresentadas pelo governo, que recuou. No total, os números oficiais apontam para 11 mortos e 1507 pessoas feridas e 1.228 presos. A violência do Estado foi condenada pela Comissão Interamericana de Direitos Humanos e pelo Alto Comissariado da ONU]. E depois disso tudo, ainda veio a pandemia e o governo de Moreno escolheu pagar a dívida externa em vez de dar enterro digno e atender aos necessitados nos hospitais.

“O governo de Moreno escolheu pagar a dívida externa em vez de dar enterro digno e atender aos necessitados”

Aqueles que nos mataram agora são candidatos. Não sei pronunciar o sobrenome raro que ele tem [Otto Sonnenholzner], mas era o vice-presidente e manipulava todo o governo. E hoje se faz de salvador, como se não os conheçêssemos.

E depois de Moreno foi eleito Guillermo Lasso.

Chegou Lasso e não sabemos se temos ou não governo, porque não fez nada. As máfias apareceram com mais força hoje estão institucionalizadas. Nas cadeias os criminosos têm armas de alto calibre, eletrodomésticos, todos os benefícios. Foi com Lasso que começamos a conhecer as máfias que por aqui se desenvolveram.

Por isso, para nós, este é um Estado narco, um governo que está junto do crime organizado. Alguém acredita nas investigações deste gover-

no sobre o recente assassinato de Fernando Villavicencio? Ele fazia denúncias sobre os narcos gerais, ou gerais narcos. Será que eles o calaram? Não acreditamos em ninguém deste governo, que não existe. Eu não era simpatizante do candidato, mas nunca estaremos de acordo com a sua execução. Somos amantes da vida e da paz.

Qual é a expectativa das pessoas para as eleições?

Nós queremos que no próximo domingo (20) ocorram as eleições e que tenhamos um novo governo. Sabemos que o nosso povo, as mulheres, os jovens, os trabalhadores, todos vão eleger quem realmente

já soube governar em paz, pois já fomos o segundo país mais seguro da América Latina. Erámos um país sem violência e passamos a ser o que somos agora. Vejam o que a direita fez ao nosso país, como construíram uma crise política e de segurança. Queremos nos livrar deles! Queremos que depurem a cúpula militar, que depurem a cúpula da Polícia Nacional, todas as institui-

“Temos um candidato da direita que imagina que não temos memória e outro foi mercenário, trafica armas, vive da guerra e quer nos fazer acreditar que pode garantir a paz”

ções que estão cheias de corruptos. Para dar um exemplo, neste momento não existem médicos, que foram despedidos, não existe atendimento de saúde emergencial, imagine o de especialidades. Mas já tivemos hospitais muito bem equi-

pados, quando governava o Revolução Cidadã.

E as demais candidaturas?

Aquele que tem o nome tão especial [Otto Sonnenholzner] imagina que não temos memória. Um outro [Jan Topic] foi mercenário, trafica armas, vive da guerra e quer nos fazer acreditar que pode garantir a paz. Todos os sete candidatos da direita são a mesma coisa.

No debate eleitoral Luisa Gonzáles disse que o Revolução Cidadã sabe como fazer, e é verdade, já o vivemos, isso ninguém nos faz esquecer.

Já não podemos dizer que vivemos em uma democracia. Exigimos sua devolução. Por isso todos vamos às urnas no domingo. É isso que se passa em minha mente e em meu coração. A rebeldia que sempre me moveu exige que respondam pelo que fizeram contra o nosso país.

Uma última mensagem às brasileiras e brasileiros...

O povo brasileiro nos deu um grande exemplo. Não estou falando de Bolsonaro, que é um neofascista e muito amigo de Lasso. A direita é uma só, em toda a América Latina, no Caribe. O exemplo de que falo é o da eleição de Lula. E quando tentaram derrubar o presidente [8 de

janeiro] o povo o defendeu. A nossa força é a mesma, somos um país pequenino, mas a força do nosso povo é a mesma. Vocês sempre estarão em nossos corações. Aqui dizemos “vamos voltar a ser a Pátria grande que sonhamos”.

“COM LUISA O EQUADOR NÃO VAI SE VERGAR À QUADRILHA QUE SE INSTALOU NO PODER”, AFIRMA EX-DEPUTADA

“Vamos devolver os bilhões de dólares retirados do FMI para introduzir produtivamente no que o país precisa”, defende Jhajaira Urresti

Destacada liderança da Assembleia Nacional do Equador e candidata à reeleição, Jhajaira Urresti condena a submissão de Guillermo Lasso ao Fundo Monetário Internacional (FMI), que inviabiliza o desenvolvimento do país. “Vamos devolver os bilhões de dólares retirados pelo FMI para os introduzir produtivamente em tudo aquilo que o nosso país precisa, que é agricultura, estradas, educação, na abertura imediata de postos de trabalho, na resolução dos problemas de saúde, segurança e reabilitação social”, afirmou. Tendo seu olho esquerdo perfurado por uma bomba de gás lacrimogêneo, Jhajaira denuncia o crime de terrorismo de Estado instalado desde o governo de Moreno e agravado por Lasso, “um Pablo Escobar 2.0”, sublinhando a necessidade de reconstruir um caminho de justiça social. “Se no próximo domingo a Revolução Cidadã tiver o forte apoio e a confiança dos equatorianos, esse povo sabe que no dia seguinte, todo o processo de reconstrução que o nosso país merece já estará à vista, aguardando apenas a assinatura da nossa presidente Luisa González”, enfatizou.

CAIO TEIXEIRA, LEONARDO WEXELL SEVERO E MONICA FONSECA,
ComunicaSul, Direto de Quito

Tens uma história reconhecida de luta em defesa dos direitos humanos no Equador. Como iniciou essa caminhada?

Primeiro, bem-vindo ao meu país. Bem-vindos ao Equador. Uma terra onde a ação libertária não termina.



Jhajaira Urresti, ex-deputada da Assembleia Nacional do Equador, ao lado de Rafael Correa, líder do movimento Revolução Cidadã

Chamo-me Jhajaira Urresti. Sou uma mulher jovem de 31 anos, graduada em Comunicação Organizacional e Gestão de Empresas. Faço parte da Ação de Libertação da Ju-

ventude desde os 14 anos de idade. Entrei na Universidade Central do Equador com 18 anos. Eu já era mãe, o meu filhinho nessa altura tinha apenas quatro anos, eu



Jhajaira perdeu o olho esquerdo devido à violência policial



fazia parte de uma entidade de mulheres e tivemos a primeira grande paralisação nacional. Nas mãos de quem estava a presidência? De Lenin Moreno. A própria vida começou a se tornar mais cara. Começá-

ço] contra a vida precária imposta pelo governo. Na noite de sábado, 12 de outubro de 2019, um policial disparou uma bomba de gás lacrimogêneo a dois metros de mim. Infelizmente, um pedaço da bomba

municação que preferiam transmitir Bob Esponja e outros programas. E eis que assume a presidência o Sr. Guillermo Lasso, que para todos nós, correístas, e sobretudo para mim, Jhajaira Urresti, é um Pablo Escobar 2.0. Quando ele assume a presidência, nosso país começa a ter estas ondas de tráfico de drogas introduzidas não só através dos mares, nas costas equatorianas, mas também nos nossos bairros, nas nossas capitais, nas nossas cidades. Já vemos pessoas decapitadas nas ruas, vemos mortos com cartazes pendurados nas pontes, vemos penitenciárias que já não são penitenciárias, mas sim, bases operacionais do narcotráfico e dos bandos criminosos. Vemos as Escolas do Milênio, idealizadas e criadas para as nossas crianças pela Revolução Cidadã (2007-2017) serem desmanteladas e seus espaços passarem a ser utilizados para criar escolas de sicários [assassinos contratados] para os nossos menores. Vimos como na área da saúde deixou de haver fornecimento de medicamentos e depois a pandemia da Covid 19 nos atingiu. A Covid revelou que o problema do tráfico de órgãos, do tráfico de crianças, do tráfico de seres humanos no nosso país é realmente catastrófico e a mídia corporativa não cumpriu o seu papel.

Como sentes o clima de terrorismo de Estado imposto pelo governo Lasso?

Vocês viram, no dia do debate, não foi? Viram que os candidatos de todas as correntes políticas tiveram praticamente de se camuflar entre a população para apoiar os nossos candidatos à presidência. No meu caso, Luisa González, uma grande amiga, camarada e companheira de luta. Mas tínhamos de estar camuflados e escondidos porque há poucos dias tinha sido assassinado um candidato à presidência. E em que condições esse candidato, Fernando Villavicencio, foi assassinado? Um candidato que era praticamente o melhor amigo do pre-

“*A Covid revelou que o problema do tráfico de órgãos, do tráfico de crianças, do tráfico de seres humanos no nosso país é realmente catastrófico e a mídia corporativa não cumpriu o seu papel*”

mos a ter ondas de migração. Os subsídios aos combustíveis foram completamente retirados e as oportunidades de emprego começaram a diminuir da mesma forma, gerando pobreza e mendicidade. Participando da luta das mulheres e sendo presidente da Associação do La Tola, um bairro colonial de Quito, saímos para o cacerolazo [panela-

penetrou no meu olho esquerdo e arrancou-o completamente. Quando chegou outubro de 2019, enquanto nos arrancavam os olhos nas ruas, assassinavam o nosso povo, raptavam os nossos filhos, assaltavam nossas casas e nos revistavam simplesmente porque éramos vistos como oposição, isso não era transmitido pelos meios de co-



Dei meu olho para que o povo desperte. Não à impunidade e ao abuso de poder

sidente, mas que, quando se tornou candidato à presidência da República, soubemos, através de relatos da sua ex-mulher e da sua irmã, que o governo de Guillermo Lasso tinha enviado ameaças contra ele.

“Dei meu olho para que o povo desperte. Não à impunidade e ao abuso de poder”

Esta não é a única ameaça de morte por parte do governo central. Recordemos o Sr. Ruben Cherres, um homem que era o braço armado do governo central, era o gerente e também o elo direto da máfia albanesa com o senhor Guillermo Lasso, e o assassinaram brutalmente. [Ruben Cherres foi torturado e assassinado em 31 de março deste ano numa casa de veraneio juntamente com a namorada e todos os que estavam na casa, inclusive seguranças]. Mas se assassinam um “correligionário”, muito mais facilmente nos matam, porque estamos denunciando a realidade em que vivemos. E não há processo judicial, não há justiça, o que há é impunidade.

Que efeitos esses assassinatos a dias da eleição podem ter sobre os eleitores? Cria-se um clima de pânico e o candidato Jan Topic se oferece como solução para “acabar com o medo”?

O fato de estarmos vivendo este clima no país não é novo. São seis anos em que se vêm moldando gradualmente o cenário que estamos vivendo. Hoje a violência, os abusos e as mortes violentas se normalizaram para os equatorianos. Antes uma morte na rua era notícia nacio-

isto é agora normal. Vemos os nossos filhos serem raptados e isso já é normal.

Fomos abalados psicologicamente a tal ponto em que a violência, o abuso, o assédio, e o crime por assassinos contratados, os raptos de pessoas estão se tornando normais. Tudo isso gera insensibilidade e individualismo. Foi o que eles sempre quiseram fazer e foi isso que fizeram nestes seis anos. Já não é medo, é pânico estar nas ruas.

Vejamos o perfil do senhor Jan Topic. Ele não é um legionário como se apresenta [Topic propagandeia ser um soldado que combateu na Síria, Afeganistão e Ucrânia e é empresário do ramo da segurança]. É uma pessoa que espancou o seu meio-irmão quase até à morte, alguém que tem inúmeras acusações de agressão. Tem denúncias de abuso até mesmo nas suas próprias empresas.

Ele abusa dos trabalhadores. Há um vídeo circulando em que ele diz a empregados que têm menos de meia hora para fugirem, senão vão levar um tiro na cabeça. Vivemos tempos catastróficos e este “legionário” aparece sem qualquer conhecimento de causa na política, simplesmente com estas formações. Está envolvido até com escravidão, porque sua família fez parte de processos escravistas nas suas empresas, nas suas terras, e agora quer ser candidato à presidência. Ele não é necessário para o Equador. Uma pessoa com casaco de soldado e uma espingarda na mão para trazer tranquilidade? A tranquilidade se organiza e se constrói

aluguel e criminosos. Esta situação é gerada porque não há oportunidades de emprego, não há educação, não há formação para os nossos jovens. Porque sabes que tens de ir para casa e a tua mãe está doente e não tens dinheiro para pagar os medicamentos. Com a Revolução Cidadã tínhamos toda a lista de medicamentos que nos era dada pelo governo central. Agora tens de pagar pelos remédios. Vais te tornar um delinquente porque tens de levar esse medicamento para que a tua mãe não morra. Por isso, para nós, a Revolução Cidadã combate primeiro a insegurança, mas não com mais violência. Geramos políticas públicas de reabilitação social nas prisões, criamos oportunidades de emprego e segurança social, e organizamos o processo educativo para as nossas crianças, jovens e adolescentes. Esse é o caminho para deixarmos de ter uma sociedade criminalizada. Para perder o medo. Para poder sair à rua, para termos mais sensibilidade e humanidade e, sobretudo, para vivermos num Estado de direito. Vivemos no Equador sob uma ditadura, embora o presidente Guillermo Lasso não se declare ditador. Mas o mecanismo que nós, equatorianos, estamos vivendo é uma ditadura.

Em outras palavras, não há Estado para o cidadão, mas para proteger o crime organizado. Como podemos mudar isso rapidamente?

O presidente Guillermo Lasso sempre disse que não podia governar porque existia a Assembleia Nacional e por isso a dissolveu. Já passaram quase três meses e nada foi feito. Mas Lasso precisava que ela fosse dissolvida para que não levássemos a julgamento a sua procuradora, Diana Salazar, que é a mentora, a responsável por encobrir estes processos nefastos de impunidade e catástrofe social que estamos vivendo.

É urgente impulsionar o processo de libertação da Pátria Grande. No Equador, começamos de forma

“ Há um vídeo em que Jan Topic diz a empregados que eles têm menos de meia hora para fugirem, senão vão levar um tiro na cabeça ”

nal. Atualmente, de 35 a 37 pessoas são mortas violentamente por dia no país sob o crime de sicariato [assassinatos de aluguel]. Para o equatoriano, para a mulher equatoriana,

com políticas e, para além disso, com oportunidades de emprego.

Os equatorianos e equatorianas não nascem geneticamente conformados para serem assassinos de

profunda neste 20 de agosto com o voto consciente e histórico do povo contra a direita fascista. Se no próximo domingo a Revolução Cidadã tiver o forte apoio e a confiança dos equatorianos, esse povo sabe que no dia 21, todo o processo de reconstrução que nosso país merece já estará à vista, aguardando apenas a assinatura da nossa presidente Luisa González.

Em segundo lugar, nós, como Revolução Cidadã, somos rebeldes de nascença e não vamos nos vergar perante o Fundo Monetário Internacional (FMI). Azar o deles, mas nós vamos fazer com que os bilhões de dólares negociados com o FMI sejam introduzidos produtivamente em tudo aquilo que o nosso país precisa, que é agricultura, estradas, educação, abertura imediata de postos de trabalho, resolução dos problemas de saúde, segurança e reabilitação social. Temos de intervir nas penitenciárias para que deixem de ser dirigidas pelo crime organizado.

Antes, com a Revolução Cidadã, tínhamos prisões de baixa, média e alta periculosidade. Hoje em dia, não há divisão, as prisões têm todos os crimes em todas as alas e é por isso que geraram o que estamos vendo. Houve mais de 18 mas-



sacres no país dentro das prisões, em que as primeiras vítimas são pessoas que devem uma pensão de alimentos ou roubaram um celular, sem fazer parte de nenhum grupo criminoso. Portanto, a intervenção

do Estado tem de ser profunda. Tem de ser com um profundo amor pelo povo equatoriano, mas com a grande determinação de não se vergar perante uma quadrilha organizada que se instalou no poder.

“ Nós da Revolução Cidadã somos rebeldes de nascença e não vamos nos vergar perante o FMI ”



Juan Paz y Miño Cepeda,
doutor em História

PÉSSIMAS CONDIÇÕES DE VIDA E TRABALHO SÃO A FONTE DA VIOLÊNCIA NO EQUADOR, AFIRMA HISTORIADOR

A deterioração drástica e rápida das condições de vida da população, resultado das políticas neoliberais de Estado mínimo dos últimos seis anos no Equador, produziram o cenário propício ao crescimento descontrolado do crime organizado e da consequente violência generalizada no país.

As eleições do próximo domingo (20) oferecem uma oportunidade de mudança de rumo com a retomada das políticas de “Buen Vivir” implantadas nos governos de Rafael Correa (2007-2017) e representadas hoje pela candidatura de Luisa González, do movimento Revolução Cidadã. Para entender o processo de deterioração social e econômica do país andino, conversamos em Quito com o historiador, escritor e pesquisador Juan Paz y Miño Cepeda, doutor em

História pela Universidade de Santiago de Compostela, na Espanha, e pela PUC do Equador, onde também se graduou em Ciências Políticas e Sociais.

**CAIO TEIXEIRA/
ComunicaSul, Direto de Quito**

Escreveste recentemente que “tal como aconteceu no passado, um novo governo dos ricos e poderosos empresários, representado por Guillermo Lasso, resultou num fracasso”. No entanto, a maioria dos candidatos à presidência pertencem e defendem esta mesma classe. Existe alguma diferença entre as propostas destes candidatos de direita?

Em primeiro lugar, vale a pena considerar que existe um fenômeno de

duas vias na América Latina, que o Equador reproduz: por um lado, empresários ricos que querem ser presidentes porque desconfiam dos intermediários políticos e assim asseguram os seus interesses no Estado, bem como os do seu círculo de classe; por outro lado, uma população que vota neles por múltiplas razões, como o desprezo pelos políticos tradicionais, o encantamento com ofertas supostamente redentoras, ou as décadas de bombardeamento pela ideologia neoliberal que leva a acreditar nas soluções dos mercados livres e da iniciativa privada. Examinando a história do Equador desde 1979, quando se iniciou a era da democracia após uma década de ditaduras militares, os governantes que assumiram os slogans do empreendedorismo ne-

oliberal durante as últimas décadas do século XX e o início do século XXI, embora possam demonstrar a prosperidade dos negócios, são também aqueles que causaram a maior concentração de riqueza, juntamente com o enfraquecimento das capacidades do Estado e das suas instituições, bem como a persistente deterioração das condições de vida e de trabalho da maioria da população. Esse processo foi restaurado e aprofundado desde

“ *Empresários ricos querem ser presidentes para manter seus privilégios porque desconfiam dos intermediários políticos* ”

2017, primeiro com Lenín Moreno e em seguida com o banqueiro Guillermo Lasso. Para as próximas eleições, em agosto de 2023, há quatro (entre oito) candidatos empresários e milionários.

Todos estes candidatos da “direita econômica”, independentemente das diferenças pessoais ou partidárias, concordam com os mesmos slogans neoliberais básicos: reduzir o Estado, abolir ou baixar os impostos, privatizar os bens e serviços públicos, abrir os mercados internacionais, facilitar o investimento estrangeiro e, sobretudo, flexibilizar e precarizar as relações laborais. Por vezes, estas palavras de ordem são qualificadas ou suavizadas na linguagem. Mas a visão da economia e da sociedade mantém-se inalterada.

Dias antes das eleições, o prefeito de uma grande cidade, um candidato presidencial de direita, um líder histórico do partido de esquerda que lidera as pesquisas foram assassinados a tiros e uma candidata à deputada do mesmo partido sobreviveu a um ataque armado. Que forças econômicas e políticas da sociedade estão interessadas neste tipo de crime?

Estamos também perante um novo fenômeno, com raízes nacionais e internacionais: a presença do crime

organizado e das máfias criminosas. O seu crescimento não parou desde 2017 e a partir de 2021 explodiu. Existem estudos suficientes que nos permitem compreender os diferentes fatores que explicam esta evolução. Mas em plena era do neoliberalismo equatoriano revivido, o slogan de “downsizing” [encolhimento] do Estado conduziu, sem dúvida, não só ao desmantelamento das capacidades de segurança do Estado, mas também ao

enfraquecimento dos investimentos que teriam permitido o reforço das forças policiais e, sobretudo, das políticas sociais.

Hoje em dia, é impossível ignorar o fato de a corrupção e a infiltração do crime organizado no Estado terem se unido. Existe uma força de poder “informal” ou “ilegal” que está se sobrepondo ao poder for-

“ *O encolhimento do Estado foi responsável pelo crescimento do crime organizado* ”

mal. A população equatoriana vive hoje no medo e na impotência,

porque não existe um Estado que a proteja com a eficácia, a força e o imediatismo que qualquer cidadão espera. E só podemos falar de uma forma genérica, porque partimos do princípio de que as informações de inteligência para determinar os responsáveis pelos atentados devem estar sob o controle das forças da ordem.

Parece que nos últimos seis anos os governos do Equador exageraram na política do Estado mínimo e implementaram o Estado zero, o que conduziu à realidade atual de violência generalizada e de total liberdade para o crime organizado. Se poderia dizer que a única saída é a retomada urgente de um Estado forte?

Começamos por distinguir duas correntes ideológicas: a neoliberal e a que hoje se define como libertária. Para os neoliberais, o Estado deve ser reduzido a favor das empresas privadas, da sua rentabilidade e dos mercados livres. Para os libertários ou “anarco-capitalistas”, como tam-

bém gostam de se definir, o Estado deve desaparecer e só deve existir



O presidente Lasso com seu cunhado Danilo Carrera, empresário envolvido em corrupção (Pichincha Comunicaciones)

o domínio da iniciativa privada absoluta. Os neoliberais equatorianos têm também uma visão oligárquica da sociedade, pelo que preveem um Estado despótico que imponha os interesses das classes proprietárias capitalistas. Os libertários não ganharam força no país. Mas é possível que sejam encorajados e cresçam com o fenômeno “Milei” na Argentina. Mas eu já disse antes: o slogan do encolhimento do Estado equatoriano reduziu a sua capacidade de lidar com a questão da segurança do cidadão. E, com base na experiência histórica não só do Equador, mas também de países como a Colômbia e o México, não é apenas necessário reforçar as capacidades do Estado, mas também levar a cabo políticas sociais

bém formulam abordagens e observações que podem orientar as políticas públicas. Há experiências latino-americanas que devem ser analisadas para ver se são viáveis em contextos tão variados como os de cada país da região. Mas não há dúvida de que as soluções não estão exclusivamente na militarização ou na simples repressão armada. Não há dúvida de que as más condições de vida e de trabalho são a fonte última da violência. Por isso, é necessário superar o desemprego e o subemprego, promover o trabalho digno, a educação de qualidade, uma forte e radical redistribuição da riqueza e a universalização da segurança social, das pensões, dos cuidados de saúde preventivos e da medicina socializada, para

cionalidade e fundamentação de opiniões ou argumentos é inútil para aqueles que foram alimentados pelo anti-correísmo. Mas Correa representou um ciclo histórico do progressismo equatoriano, ligado a um processo semelhante em muitos países da América Latina no início do século XXI. Quem se lembrar com sinceridade dessa década, e ainda mais se for especialista na matéria e conhecer os relatórios internacionais existentes, compreenderá que o Equador viveu um período de progresso na construção de uma economia social orientada para o “Bem Viver”. Esse “modelo” de economia foi abandonado desde 2017 com o governo de L. Moreno, que restaurou o modelo econômico neoliberal, que também adquiriu um caráter oligárquico desde 2021, com o governo de G. Lasso. Esta mudança histórica de ciclos explica o que tem acontecido no país. Não é fácil de avaliar. As novas gerações não viveram a era do “correísmo”. Por isso, nas próximas eleições presidenciais, a polarização política é, em última análise, entre as forças que apoiam o caminho de uma economia social e as elites que querem garantir a economia empresarial-neoliberal e oligárquica. É difícil supor que os cidadãos estejam plenamente conscientes deste processo. E a história, como o passado, tende a ser esquecida. Esperemos que a maioria dos equatorianos consiga finalmente entender o que o país está enfrentando e que possamos ultrapassar os desastres acumulados em seis anos.

“ Redistribuição da riqueza pode cortar as raízes fundamentais da violência ”

e, atualmente, estabelecer acordos com outros países para abordar a questão da segurança com uma ligação internacional suficiente entre governos da mesma região.

Qual será a principal dificuldade para o futuro governo começar a enfrentar este nível de violência política que, no fundo, está sempre a serviço de interesses económicos legais ou ilegais? Que mecanismos, políticos ou repressivos, podem e devem ser utilizados nesta cruzada? É uma questão muito complexa. Aqueles que a estudaram tam-

conseguir novas sociedades em que as raízes fundamentais que dão origem à violência sejam inevitavelmente cortadas.

Do ponto de vista histórico, pode o cidadão comum comparar o período dos governos de Correa com o descabro que o seguiu e aprender sobre a verdadeira política e a luta de classes? A preferência pela candidata identificada com Correa seria um indício disso?

Falar do governo de Rafael Correa e do “correísmo” suscita todo o tipo de paixões. Exigir objetividade, ra-

“VAMOS LEVANTAR A PÁTRIA QUE ELES COLOCARAM DE JOELHOS”, AFIRMA LUISA GONZÁLEZ EM QUITO

Luiza González e Andrés Arauz, candidatos à presidência e à vice do Equador no comício de encerramento na capital (LWS-ComunicaSul)



Candidata do movimento Revolução Cidadã ressaltou que “o momento é de retomar o controle do país da direita neoliberal que o destróçou e retirou direitos”

CAIO TEIXEIRA, LEONARDO WEXELL SEVERO E MONICA FONSECA, ComunicaSul, Direto de Quito

“Nós sabemos como levantar esta pátria que eles colocaram de joelhos, sabemos como reconstruir o Equador, pois temos experiência, conhecimento, capacidade e equipe”, afirmou a advogada Luisa González, candidata do movimento Revolução Cidadã à presidência do Equador, na noite desta quarta-feira (16), no encerramento de campanha em Quito, no bairro Solanda, na zona Sul da capital.

Segundo Luisa, “já fizemos muito do que propõem os demais candidatos na década em que a Revolução

Cidadã (2007-2017) ganhou. Tudo o que propõem é aquilo que eles mesmo destruíram”.

Aclamada pela multidão, a candidata defendeu que “este é o momento de retomarmos o controle do país, retomá-lo de uma direita neoliberal que o destróçou e retirou nossos direitos. Vamos devolver os sonhos que nos roubaram aos nossos filhos, aos nossos idosos, aos homens e mulheres que precisam de emprego, saúde, aos jovens que necessitam de oportunidades, educação e investimento”. Na campanha de 2017, explicou Luisa, “ninguém pedia estradas, pois havia estradas de primeira, éramos o segundo país em malha rodoviária da América Latina,

um exemplo. Falávamos que éramos do Equador com orgulho e hoje nos conhecem pelas estatísticas de morte”.

“Dizem que ‘a segurança é o primeiro’, mas não é só isso. Vamos trabalhar a segurança, é claro, depurando a força pública, assim que se vá este governo corrupto que se deixou infiltrar pela máfia, pelo tráfico e pelo crime organizado. E vamos também fortalecer a força pública, dar-lhes também dignidade, pois não é possível que um policial durma no chão, pois não há nem um colchão para que ele possa descansar; que saiam a patrulhar em veículos destróçados”. “Teremos uma força pública depurada, para nos garantir a vida.

E temos que trabalhar com a Justiça para que não haja impunidade, para que todo aquele que cometeu um crime sinta o peso do Estado e da lei e vá preso. Assim vamos retomar o controle do país”, apontou.

Mas não se trata apenas de segurança, ponderou Luisa, “necessitamos pensar nas crianças que precisam ir para a escola, em nossos jovens que não têm acesso à educação, a bolsas de estudos, que precisam de vagas nas universidades, de um programa de empregos”. “Tudo isso tem que ser feito ao mesmo tempo. Eu vou tomar medidas imediatas: vamos declarar emergência na segurança e também emergência na saúde, vamos colocar medicamentos nos hospitais, vamos devolver os médicos a seus postos de trabalho, porque vamos garantir a vida de nossa gente. Não é possível que uma mãe nos morra nos braços porque não temos dinheiro para comprar uma receita. O Estado tem que funcionar, as pessoas não podem morrer nas portas do hospital”, acrescentou. Luiza condenou o reiterado apelo à violência: “Vamos liberar o porte de armas, eles dizem. E aí convertem a segurança em um privilégio, pois quem pode comprar armas? Aliás, quem quer mais violência? Cuidado, falar somente de armamento, queridos equatorianos, é pensar um futuro em que, ao invés de fazer universidades, ao invés de fazermos a extensão do metrô, vamos fazer cemitérios e cadeias. Esse não é o Equador que merecemos! Esse não é o Equador que queremos! Esse não é o Equador em que vamos viver”.

“Eu lhes pergunto, mulheres da minha pátria. Há sete candidatas à vice-presidência da República Sete. Onde estão? Quando vocês as viram visitando o país, reunindo-se com sindicatos, com as mulheres? Quando vocês a viram? Nunca! Estes senhores desprezam as mulheres, invisibilizadas como ficamos nestes seis anos. É isso que vocês querem para as suas filhas? Para as suas irmãs?”, questionou.

ARAUZ CONCLAMA A LUTA PELO BEM VIVER

Candidato a vice-presidente, o economista Andrés Arauz, iniciou sua intervenção saudando “a bela, valente e firme militância do movimento Revolução Cidadã, que é um projeto que nasce das entranhas da luta do nosso povo”. “Nunca devemos esquecer porque estamos aqui, que é para lutar e conquistar o tão desejado Bem Viver”, frisou o ex-ministro de Conhecimento e Talento Humano do governo de Rafael Correa.

Arauz recordou que, desde 1999, o país foi mergulhado em uma profunda crise. “Uma crise seguida pelo aumento terrível da pobreza, da migração forçada e a destruição da nossa sociedade”, condenou.

Segundo o dirigente, foi junto à cidadania, com as organizações sociais que “se construíram amplas alianças conformando um bloco histórico com essa força popular de mulheres, estudantes, profissionais, trabalhadores, camponeses e pescadores, de todos os que haviam sido excluídos”. Assim, recordou, “percorremos a Pátria e quando diziam



Famílias compareceram em peso ao evento (MFS)

que íamos ser uma força insignificante em 2006, o povo equatoriano se pronunciou com contundência e demonstrou que se podia alcançar a dignidade”.

Defendendo o legado do ex-presidente Rafael Correa, Arauz enfatizou não estar ali “para respeitar o velho regime da partidocracia, dos filhinhos de papai, das oligarquias e dos banqueiros que destruíram o nosso país”. Para seguirmos em frente, acrescentou, “é necessário dar prioridade ao sistema produtivo, democratizar o Estado, transformar as instituições e as relações de poder na sociedade”.

Quando a Revolução Cidadã era governo, recordou, “começamos a barrar a evasão tributária, dizer que o petróleo e os recursos naturais são dos equatorianos e com essas transformações iniciamos a fazer o que o povo pensava que nunca seria feito”. “Começamos a semear obras em todo o país: hospitais, hidrelétricas, rodovias, portos e aeroportos, unidades educativas, centros infantis, melhoramos as condições dos trabalhadores, dos professores, dos policiais e militares”, disse.

“Foi assim que voltamos a criar um sistema de saúde pública plenamente abastecido de medicamentos. Não podemos esquecer esse capítulo da história. Fizemos isso porque havia gente que tinha clara a prioridade do que tinha que fazer. A prioridade era nosso povo e a clareza e a lucidez revolucionária”, destacou Arauz.

Diante dessas medidas, esclareceu o candidato, é que batemos de frente com “a traição e a manipulação das oligarquias, dos que estão acostumados a tratar de lavar o cérebro da nossa gente, incluindo hoje atos de terror, querendo atentar contra a nossa democracia”. Sobre o recente assassinato do candidato Fernando Villavicencio, Arauz esclareceu que foi um crime para alterar o resultado das urnas, uma vez que “ele iria apresentar denúncias de amplas repercussões”. “Claro que tínhamos uma rivalidade política e que havíamos nos enfrentado pelos meios



Partidários do movimento Revolução Cidadã no comício em Quito

de comunicação, na Assembleia Nacional, na Justiça, nas urnas, porém sempre respeitando a vida do adversário”, assinalou.

Para o economista, é evidente que o assassinato é resultado da ação das forças mais obscuras com o intuito de retardar o desenvolvimento do nosso país e do continente, “por isso lamentavelmente agiram para sabotar o processo democrático, quiseram suspender as eleições e quando se conhecerem as gravações do Conselho de Segurança Pública do Estado vamos ver que, lamentavelmente, armaram um complô com dimensão transnacional”. Enfatizando a capacidade do Revolução Cidadã realizar as transformações urgentes para o país, Arauz concluiu: “E por isso estamos aqui hoje. E por isso que vocês estão aqui também, não por uma pessoa ou duas, ou por um binômio. Estamos por uma série de ideias, de princípios e valores. Porque nós acreditamos no amor à Pátria, porque nós sabemos como fazer, porque já o fizemos”, destacou.

RAFAEL CORREA É ACLAMADO PELA MULTIDÃO

Perseguido político dos regimes neoliberais que tomaram de assalto o Palácio Carondelet, o ex-presidente Rafael Correa, que encontra-se exilado na Bélgica, foi aclamado pela multidão ao aparecer e discursar ao vivo, no telão, acompanhando o encerramento do ato. “Que triste momento vive a Pátria. Momento de terror. Isto é o que a direita cria, para evitar que pensemos,

para nos confundir. Sabiam que podíamos ganhar no primeiro turno. Então, o que fizeram em nove de agosto? Assassinaram a Fernando Villavicencio. Não tenho a menor dúvida de que foi um complô, uma conspiração para prejudicar a Revolução Cidadã. Sabemos quem foi Villavicencio. Um acirrado inimigo que nos ataca há anos. Respondemos com a Justiça, como um país civilizado, como se resolve os conflitos numa sociedade civilizada. Mas algo aconteceu e ele está morto pela mão de sicários. É evidente e isso dizem os vídeos”, explicou o ex-presidente. E enfatizou que este é um complô que tem a cumplicidade da Polícia, “sem excluir a participação da própria CIA”. Como lembrou Correa, “o levaram a uma camionete vazia e os que conhecem segurança sabem que isto é impossível, que tem que ter pelo menos um motorista esperando, porque é uma pessoa a ser protegida. É uma questão fundamental, mas estava vazia a camionete, por-

que sabiam que iam disparar. O levam para uma camionete vazia quando seu carro blindado chegaria momentos depois porque seu condutor disse que havia confundido a porta. E em vez de esperar uns segundos, o fazem entrar sozinho em uma camionete sem blindagem. É demasiado evidente o complô, a conspiração. Desaparece o celular de Villavicencio, o sicário ferido, que podia dizer muitas coisas, em lugar de ser levado a uma clínica, que estava a 100 metros, foi conduzido à procuradoria para que morresse no caminho e assim pudessem silenciá-lo.”

Na avaliação de Correa, Villavicencio, que estava em quarto lugar, “foi morto para que não pudessemos ganhar no primeiro turno”. “É claro que a Polícia está implicada. Não pode haver tanta inépcia, tanta negligência, e muitos têm confundido isso. Despertaram ódios, despertaram temores, mas temos que superar esse ódio, enfrentar o ódio com amor. Querem convencer que fomos nós? Que somos estúpidos? Se estamos ganhando, a quem prejudica essa morte? É claro que beneficia a direita fascista, aos que querem que continue a situação atual”, concluiu. No encerramento do ato, ao som da música “O povo unido jamais será vencido”, do grupo chileno Inti Ilimani, milhares de pessoas emocionadas levantaram as mãos fazendo o número cinco, da lista da Revolução Cidadã, e bradaram: “una sola vuelta” [um chamado a vencer no primeiro turno].



Ex-presidente Rafael Correa discursou pelo telão (LWS-ComunicaSul)

EM GUAYAQUIL, LUISA CONCLAMA POVO A DERROTAR NAS URNAS O RAMBO “IMITADOR DE LASSO”

“A insegurança será combatida com desenvolvimento e emprego digno”, afirmou a líder opositora, no comício final da campanha, condenando o clima de “terror e medo instalado pelos que destroçaram o Estado”

CAIO TEIXEIRA, LEONARDO WEXELL SEVERO E MONICA FONSECA/
ComunicaSul, Direto de Guayaquil

“Eles querem nos encher de terror e medo, nos encher de tristeza e dor. Mas nós reagimos com mobilização e firmeza. Reagimos com força, dizendo não. O Equador se levanta com fé, esperança e dignidade, porque a Revolução Cidadã está chegando para trazer desenvolvimento e emprego digno”, afirmou Luisa González, candidata opositora que lidera todas as pesquisas de intenção de voto às eleições presidenciais do próximo domingo (20). Com 2,7 milhões de habitantes, Guayaquil, maior cidade do país, é a capital da província de Guayas, 4,5 milhões de habitantes, e foi a escolhida para o encerramento da campanha do movimento Revolução Cidadã (RC). Em fevereiro – após 30 anos de administrações reacionárias -, a cidade elegeu Aquiles Álvares à prefeitura. Marcela Aguiñaga, presidente do RC, foi eleita ao governo estadual (2023-2027).

De forma irônica, Luisa condenou o candidato Jan Topic, “por sair por aí falando de segurança, como um Rambo muito valente, atrás de um celular”. “Porém jamais estive junto com o povo, com as pessoas, pois não se atreve. Que valentia é essa?”, questionou. Na verdade, esclareceu a opositora, é que o sujeito “é dono de empresas de segurança, que vende armas e não paga impostos”. “Uma imitação de Guillermo Lasso, o caprichoso que quis chegar ao palácio presidencial



Multidão saúda chegada de Luisa González ao palanque no bairro Cristo de Consuelo, em Guayaquil (Los Panas de Luisa&Andrés)

de Carondelet para fazer o que fez”, repudiou.

Voltando a citar a folha corrida de Topic, que propõe utilizar os recursos das multas de trânsito para fi-

nanciar a reestruturação da Polícia, Luisa lembrou que é dele a empresa proprietária e gerenciadora dos radares no país. “Agora quer ir à presidência para continuar fazen-



Andrés Arauz dançando com a governadora de Guayas, Marcela Aguiñaga (LWS/ComunicaSul)

do negócios com o Estado e levar o dinheiro do povo equatoriano. Nos acusam de corruptos, mas sempre

“ Nesses dois anos quem lucrou foram os banqueiros ”

foram eles”, acrescentou.

A líder opositorista disse que “somos um movimento de princípios e valores, que olha as pessoas nos olhos e faz o que promete, diferente dos demais partidos que são siglas de aluguel”. “Partidos onde uma pessoa aparece com um tálio de cheques e diz: bom, me falta este capricho e quero ser candidata. E passa a fazer parte da sigla a qual nunca pertenceu, na qual nunca militou, que ninguém conhece”, frisou.

Conforme apontou a candidata, esta é a cara destes senhores que aí estão. “Quando os viram caminhando com vocês, com nossos irmãos agricultores, pescadores artesanais ou comerciantes? Contra os comerciantes sim, para reprimir quando queriam dar de comer a suas famílias e não tinham como. Mas nós, da Revolução Cidadã, fizemos uma Lei dos Comerciantes Autônomos, para protegê-los e evitar que continuem a ser maltratados”.

Defendendo uma ação presente do Estado, Luisa atacou os que deixaram o povo equatoriano morrer sem médico, em plena pandemia. “Não víamos isso desde a Segunda Guerra Mundial. Valas comuns na querida Guayaquil. Hoje há pessoas que choram porque ainda não conseguiram encontrar ou sequer saber onde está o corpo de seus filhos, de seus pais, de seus irmãos, de seus entes queridos. Já sentimos dor pela perda, pelo menos queremos orar no túmulo. São governos que somente significaram morte. E todos os demais candidatos silenciaram quando preferiram o pagamento de dívidas”, protestou.

O que está em jogo nestas eleições é o futuro do Equador, reiterou Luisa, a continuidade de um processo de desenvolvimento “com fortale-

cimento da política pública, que se faz desde abaixo”, ou o desmantelamento dos serviços essenciais,

com o “silêncio dos que querem tomar o Estado para fazer seus negócios e nos deixar sem nada”.

Candidato a vice-presidente, o economista Andrés Arauz deixou claro que o plano de Lasso era “destruir o nosso país, porque os únicos que lucraram nesses dois anos foram os banqueiros, enquanto o resto da nossa Pátria está falida. Temos nossos irmãos morrendo aos milhares e centenas de milhares de

“ Guayaquil, Guayas e todo o Equador querem mudanças ”

patriotas migrando”.

Mais do que tudo, defendeu Arauz, “temos que lembrar ao falarmos com esses últimos vacilantes, com os que ainda estão confusos e mudando de orientação toda vez que assistem um videozinho”. “Falem com eles para que votem com consciência, que recorram à sua memória. Porque para votar em Luisa não temos que oferecer fantasia, mas o trabalho que faremos, e já”, disse o ex-ministro de Rafael Correa.

Andrés salientou que é o compro-

misso com a melhoria das condições de vida da população “o que nos motiva a estar aqui e assumir estes enormes desafios e liderar a nossa bela Pátria”. “E recordo sempre que o amor vencerá o ódio e nós estamos aqui por amor”, frisou. O prefeito Aquiles Álvarez agradeceu os manifestantes pela fraternal acolhida e asseverou que “Guayaquil, Guayas e todo o Equador quer a Revolução Cidadã, quer mudanças, é isso que assumimos e temos feito sem parar. Como disse Luisa, sabemos fazer, e já estamos fazendo”.

“Luisa não está só, estamos fazendo a diferença nas prefeituras mais importantes e agora vamos fazer

pelo país. E faremos com todo o carinho do mundo, ao contrário daqueles que nos atacam com seu discurso de ódio pelas redes sociais. Eles não se dão conta que nas redes estão 3% e que o povo está conosco, nas ruas e nas urnas. Estamos a poucos dias de fazer História e de ganhar no primeiro turno”, encerrou o prefeito, saudado pelos manifestantes com a palavra de ordem: “una sola vuelta”.

A governadora Marcela Aguiñaga, ex-ministra do Meio Ambiente



“Estamos a poucos dias de fazer História e de ganhar no primeiro turno”, afirmou Aquiles Álvarez, prefeito de Guayaquil (LWS/ComunicaSul)

(2007-2012) de Rafael Correa e presidenta do Movimento Revolução Cidadã, enumerou os retrocessos trazidos pelos governos neoliberais. “Perdemos tudo companheiros, perdemos saúde, educação, segurança e em todas as áreas. E nossa candidata está absolutamente preparada, nada de improvisação. Luisa sabe o que fazer, é uma pessoa íntegra, leal, que sabe de onde veio e o que deve à sua gente, reconhecendo quais os princípios que devem conduzir nosso trabalho. Nestes tempos duros, temos que retomar a esperança, voltar a sonhar e pensar que o Equador pode ser diferente”, frisou.

Marcela propõe que o Equador deixe de ser “o país do sangue e da desolação, do abandono e da miséria, que não merecemos”. Por isso, convocou os presentes para que, “no próximo domingo, todos se levantem cedo, chamem sua família, conversem com o vizinho e votem com consciência e profundo carinho por sua terra”. “Uma mulher vai nos devolver o Equador da dignidade, da soberania, do emprego, onde não haja vontade de migrar, para que a dor e a desolação se acabe”.

Aclamado entusiasticamente pelo público presente, o ex-presidente Rafael Correa, perseguido político e exilado na Bélgica, via internet, apontou que a vitória está próxima, mas que depende muito de cada um nestes dias. “Vamos trabalhar até o último momento, como se não tivéssemos um único voto. O seu trabalho como militan-



Juventude marcou presença no ato (MFS/ComunicaSul)

tes, como apoiadores, é convencer uma pessoa indecisa ou enganada para que vote com certeza”, declarou Correa, recordando: “Nós já fizemos isso antes!”.

Sob um silêncio sepulcral em relação à candidatura do Revolução Cidadã, a mídia informou que Christian Zurita, substituto de Fernando Villavicencio, o candidato recente-

reuiu uma troca de tiros próxima à caravana da campanha de Daniel Noboa, filho do megaempresário do setor bananeiro Álvaro Noboa – que foi cinco vezes candidato à presidência. Daniel usava colete à prova de balas, como em todas as suas atividades, inclusive no debate presidencial exibido pela Equador TV em que se portou como um

“ Mídia manipula ou silencia sobre Luisa González ”

mente assassinado, “ofereceu-se para cumprir os planos e objetivos ‘sem vingança, mas com determinação”, enquanto destacou também o show de encerramento de campanha de Otto Sonnenholzner, defensor do neocolonialismo e representante da Associação Equatoriana de Radiodifusão.

No mesma quarta-feira, na cidade de Duram, Estado de Guayas, ocor-

almofadinha a serviço de Topic.

Em nota oficial, a Polícia Nacional e o Ministério do Interior descartaram que o tiroteio estivesse vinculado à atividade de campanha de Daniel Noboa. Não há registro de feridos.

A partir desta sexta-feira está proibida a campanha eleitoral pelos candidatos. Agora, só fala a grande mídia.



Marisol Khipo, estudante de Direito de origem indígena (ao centro) com a família e apoiadores (MFS/ComunicaSul)

EQUATORIANOS EXALTAM DEMOCRACIA, SOBERANIA E INTEGRAÇÃO COM VOTO EM LUISA

Entrevistas realizadas nas ruas da capital, Quito, e de Guayaquil contrariam grande mídia e apontam para a esperança da mudança

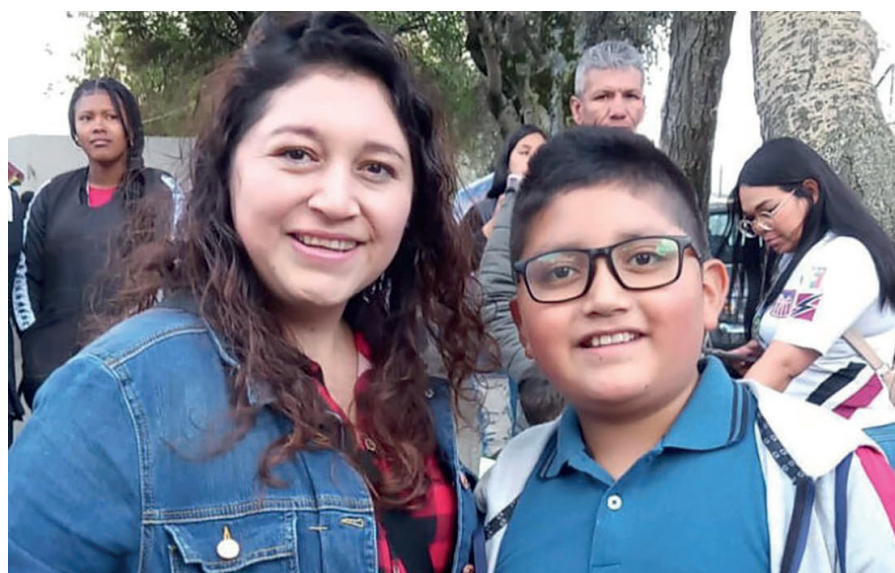
MONICA FONSECA SEVERO,
ComunicaSul, Direto do Equador

Em contraposição ao discurso xenófobo e repressivo reverberado pelos conglomerados midiáticos que dominam o Equador, nossa reportagem ouviu pessoas comuns, cheias de convicções que levarão às urnas neste domingo (20) para mudar o país. Como entoavam nos comícios da Revolução Cidadã, "Alerta que caminha a espada de Bolívar pela América Latina".

Miriam Taipe (34), assistente administrativa da área comercial, veio da área rural para tentar a vida em Quito. Com seu filho Alejandro (11), participava do comício de campanha da candidata Luisa González, que aconteceu no Bairro Solanta, na quarta-feira (16).

"Migramos para a cidade pois as condições de vida no campo estão muito difíceis. Faço um enorme es-

forço para sobreviver aqui em Quito. Me identifico com as propostas do Revolução Cidadã (RC) e espero



Miriam Taipe e seu filho Alejandro (MFS/ComunicaSul)



Orlando Vivas, Janeth Pasmíño, Pamela Gomes e Rodrigo Galindo (MFS/ComunicaSul)

que o movimento volte para apoiar os mais vulneráveis, para trabalhar pela nossa educação, fazer as estradas que precisamos para desenvolver o interior, para que as pessoas consigam viver melhor”.

Estudante de Direito de origem indígena, Marisol Khipo (28) aceitou ser candidata à uma das 137 vagas da Assembleia Nacional por acreditar na “capacidade que nós mulheres jovens e indígenas temos para ocupar lugares de decisão”. “E agora, vamos recuperar a nossa Pátria”, frisou.

Na avaliação de Marisol, “Luiza representa a capacidade das mulheres, que nos organizamos melhor e administramos muitas coisas ao mesmo tempo, pois a vida nos exige isso”. “Éramos o segundo país mais seguro da América Latina e agora somos um lugar de medo, as pessoas dizem ‘não vão para o Equador’. Então precisamos de bolsas de estudos, de cirurgias e medicamentos gratuitos, de emprego e segurança, tudo ao mesmo tempo”, defendeu.

Como serão apenas um ano e meio de mandato do novo governo, os candidatos terão que se empenhar, uma vez que assim como o desemprego, a informalidade e a fome – o Equador encabeça hoje a lista da desnutrição infantil -, a violência tem crescido de forma alarmante. Nos últimos seis anos a

taxa de homicídios foi multiplicada por cinco.

DIREITO AO TRABALHO

Na luta pelo direito ao trabalho, ao lado de um grupo de vendedores ambulantes, Pamela Gomes (31) fundou a “Associação de Comerciantes 1º de Julho”, e se disse determinada a votar nos candidatos do Revolução Cidadã. “Eles fizeram coisas boas antes, os hospitais eram bem atendidos, as escolas iam bem, o Estado comprava primeiro de nossos fabricantes, os empreendedores eram estimulados”. “Anteriormente, aqui em Quito, a prefeitura nos perseguia e

tomava nossas mercadorias. Agora, na gestão do Revolução Cidadã, a prefeitura está organizando um espaço e vai regularizar nosso trabalho, vamos deixar de ser ilegais”. “Vou votar em Luisa e espero que não nos traia, como ocorreu antes com Lenín Moreno [eleito pelo RV, tomou medidas recessivas e anti-populares]”, explicou Pamela. Entre outros atropelos, Moreno impôs em outubro de 2019 toque de recolher e militarização de toda a capital, Quito, quando uma multidão se levantou contra a submissão ao Fundo Monetário Internacional (FMI) e o corte do subsídio dos combustíveis, o que fez o preço disparar em 123% do dia para



Paulina Gordon na Capela do Homem (LWS/ComunicaSul)

a noite.

Trabalhadora no Museu Guayasamín, na capital, Paulina Gordon, relatou que é correísta com muito orgulho: “Voto em Luisa por todas as coisas boas que fizeram por nosso país, e que os que vieram depois só destruíram. Temos que salvar a Pátria, apoiar a candidatura de Luisa para que possamos voltar ao que já fomos há seis ou oito anos atrás. Com Correa nossa sociedade mudou demais, assim como a nossa vida cotidiana, as pessoas estavam contentes, transformaram-se os valores, a expressão ‘direitos humanos’ passou a estar na boca de todos nós. Eu vi como esta sociedade pode ser, podemos fazer diferente do que temos agora”, explicou.

Oswaldo Guaysamín foi um importante artista equatoriano que, com suas pinturas, desenhos, esculturas e grandes murais, denunciou a crueldade, a injustiça, assim como ternura e a solidariedade. Suas criações, marcadas pela tradição andina e demais povos originários da Nossa América, impactam profundamente os observadores. O grande humanista, amigo de Fidel Castro, Mercedes Sosa, Pablo Neruda, Pacco de Lucía, entre outros gigantes, registrou a dor e a

esperança dos pobres e injustiças do mundo. Representou indígenas, afrodescendentes e mestiços como a essência do continente. Vendedor ambulante nas ruas da cidade portuária de Guayaquil, Jaime Pita reconheceu o ex-presidente Jaime Roldós [político desenvolvimentista equatoriano que morreu em inexplicada explosão



Jaime Pita recordou Jaime Roldós (MFS/ComunicaSul)

de avião, em 1981] estampado nas camisetas do ComunicaSul. “Era um homem alto que conheci na infância, pois foi visitar a pobre comunidade em que eu vivia com minha família. Era um político que tinha compromisso com os pobres, e por isso o mataram”, relatou.

O presidente equatoriano foi morto em maio, junto com a esposa Marta, ao ter uma bomba colocada em um gravador, que explodiu o avião em que estavam. Outros dois opositores ao intervencionismo estadunidense, perderam suas vidas na sequência, também em explosões dos aviões em que viajavam: Rafael Hoyos Rubio, comandante do Exército peruano, em junho o líder da revolução panamenha, Omar Torrijos, em julho. Todos vítimas da Operação Condor, operação da Central de Inteligência Americana (CIA) que conectava as ditaduras em nossos países.

“No dia de seu assassinato, 24 de maio, a seleção equatoriana tinha um importante jogo de futebol na cidade. Nossos jogadores entraram em campo abalados, choravam em campo, perdemos e fomos desclassificados”, lembrou Jaime. Vestido com camiseta com o rosto de Luisa González à presidência, o vendedor exalava esperança.

POLÍCIA NACIONAL DO EQUADOR TENTA ASSASSINAR PREFEITO E COORDENADOR DO REVOLUÇÃO CIDADÃ



A camionete do prefeito de La Libertad, Francisco Tamariz, foi alvejada por 30 tiros

“Tentaram me matar. Se o carro não fosse blindado, eu não estaria aqui”, afirmou Tamariz, denunciando que a Polícia apontou para a sua cabeça

LEONARDO WEXELL SEVERO,
ComunicaSul, Direto de Quito

O prefeito de La Libertad, Francisco Tamariz, denunciou que foi vítima de um atentado pela Polícia Nacional do Equador na noite de sexta-feira (18), aumentando o clima de terrorismo de Estado às vésperas das eleições deste domingo. O município costeiro fica no interior da província de Santa Elena.

“Tentaram me matar. Se o carro não fosse blindado, irmão equatoriano, eu não estaria aqui. Seria impossível eu estar falando com você com 30 tiros dirigidos à camionete onde estava”, afirmou o prefeito, do movimento Revolução Cidadã, que apoia a candidatura

de Luisa González à presidência. Conforme Tamariz, dois homens saíram de “uma camionete branca, sem logotipo ou qualquer identificação da Polícia Nacional” e passaram a atirar. “Nunca perguntaram nada e em questão de segundos começaram a encher de balas o veículo em que ia com minha esposa, minha comadre e meu compadre. Jamais perguntaram quem se encontrava ali, começaram a disparar a torto e a direito”. “Foi

tudo sem razão nem explicação alguma, nenhuma! Fugir foi o mais lógico quando vivemos num inferno. Deus fez que estejamos vivos”, sublinhou.

“Não foi casualidade. Os disparos foram dirigidos até onde eu estava”, reiterou Tamariz. “Convoco publicamente o presidente Guillermo Lasso e o ministro do Interior, e os responsabilizo diretamente pela minha vida”, acrescentou o prefeito, que apareceu na coletiva de

“*“ Não foi casualidade. Os disparos foram dirigidos até onde eu estava. Convoco publicamente o presidente Lasso e o ministro do Interior, e os responsabilizo diretamente pela minha vida ”*”

imprensa com um colete à prova de balas.

No Equador a Polícia responde diretamente ao governo central e tem sido alvo de contundentes denúncias do movimento Revolução Cidadã e do ex-presidente Rafael Correa sobre o envolvimento com o narcotráfico.

Assumindo que foram membros da força pública que atiraram, o comandante da Subzona Policial de Santa Elena, Juan Carlos Soria Alulema, alegou que a responsabilidade do ocorrido era do prefeito, que não teria se identificado e furado o cerco.

"No momento em que os servidores policiais se aproximam para fazer contato e fazer a primeira abordagem, eles imediatamente arrancam", disse o comandante, responsabilizando o prefeito de "pôr em perigo quem se encontrava a pé". Os policiais teriam se

sentido ameaçados de ser atropelados. Na versão da cúpula militar, diante da fuga, "os policiais tiveram que voltar e realizar, com o uso progressivo da força, o uso de suas armas de fogo".

GOVERNO USA POLÍCIA PARA PERSEGUIR OPOSIÇÃO

Na quinta-feira, Jorge Glas, ex-vice-presidente de Rafael Correa entre os anos de 2013 e 2017, denunciou que foi intimidado pela polícia judiciária durante sua primeira coletiva de imprensa. Com roupas civis e um crachá no pescoço, informou, os agentes "disseram que tinham uma ordem de prisão contra ele". Glas afirmou "temer por sua vida e a de seus filhos".

Em nota oficial, o Revolução Cidadã expressou "sua solidariedade e rechaçou com firmeza a ação policial contra o prefeito e diretor da

campanha do movimento na província de Santa Elena". Além disso, repudiou "a evidente perseguição ilegal ao ex-vice-presidente Jorge Glas e a intimidação de policiais judiciais vestidos com roupa civil em veículos com placas falsas". "Estamos sendo vítimas de uma total degeneração do Estado. Logo acabará esse pesadelo e os responsáveis terão que prestar contas à Justiça", frisou.

O atentado contra o prefeito, ressaltou o movimento, demonstra que "hoje, mais do que nunca, é urgente recuperarmos as instituições e a segurança dos cidadãos". Desde o começo do atual processo eleitoral foram assassinadas várias lideranças partidárias, como Agustín Intriago, prefeito de Manta; Fernando Villavicencio, candidato a presidente; e o sindicalista e dirigente histórico da Revolução Cidadã, Pedro Briones.

O NARCOTRÁFICO INFILTROU-SE NAS FORÇAS DE SEGURANÇA DO EQUADOR, AFIRMOU RAFAEL CORREA



Rafael Correa discursa via internet no comício de encerramento da campanha do Revolução Cidadã (LWS/ComunicaSul)

Com o Estado dominado pelo crime organizado, denunciou o ex-presidente, “o Equador transformou-se no principal fornecedor de cocaína da Europa, sem produzir um grama sequer”

CAIO TEIXEIRA,
ComunicaSul, direto de Quito

Nos últimos seis anos, desde o final do segundo mandato de Rafael Correa (2017), o Equador assiste uma escalada nunca vista de violência patrocinada pelo crime organizado representado prioritariamente pelo narcotráfico que, atualmente, controla também as penitenciárias.

De acordo com a ex-deputada Jhajaira Urresti, entrevistada pelo ComunicaSul, a partir do governo de Guillermo Lasso, “nosso país começa a ter estas ondas de tráfico de drogas introduzidas não só através dos mares, nas costas equatorianas, mas também nos nossos bairros, nas nos-

sas capitais, nas nossas cidades”.

A afirmação é confirmada pela juíza e militante Rosa Salazar, da Federação Democrática Internacional de Mulheres: “Chegou Lasso e não sabemos se temos ou não governo, porque não fez nada. As máfias apareceram com mais força e hoje estão institucionalizadas”.

O crime organizado já existia, como na Europa e em outros lugares, disse Rafael Correa, via internet, no comício de encerramento da campanha de Luisa González na quinta-feira (17). A grande diferença, explicou Correa, é que agora ele se infiltrou no Estado, no governo. “Há narcopolítica no governo. O narcotráfico infiltrou-se nas forças de segurança, nos oficiais su-

periores, nas forças armadas da Polícia Nacional”, denunciou.

“Hoje em dia, é impossível ignorar o fato de a corrupção e a infiltração do crime organizado no Estado terem se unido. Existe uma força de poder ‘informal’ ou ‘ilegal’ que está se sobrepondo ao poder formal” acrescentou, no mesmo sentido, o historiador equatoriano Juan Paz y Miño Cepeda. Segundo pesquisas, a violência é hoje a principal preocupação dos equatorianos e tornou-se o assunto preferido das campanhas de todos os candidatos. O problema é tão grave que Correa gastou boa parte de sua intervenção no comício discorrendo sobre o que fazer para enfrentar os criminosos.

Para o ex-presidente, atualmente exilado na Bélgica, o combate ao narcotráfico deve ser enfrentado não apenas com armas, mas com ação eficiente dos serviços de inteligência para descobrir a estrutura das máfias. “Sabemos que quando se prende um lugar-tenente do tráfico, logo em seguida ele é substituído e a violência continua. Então, todos eles devem ser presos para que o bando possa ser totalmente desmantelado. Os serviços de inteligência devem descobrir como o dinheiro circula e como o crime é financiado, como eles obtêm mais e mais armamento pesado, por onde e como se deslocam as drogas”, afirmou Correa.

O Equador transformou-se hoje no principal fornecedor de cocaína da Europa, sem produzir um grama sequer. A cocaína “exportada” pelo país vem da vizinha Colômbia, pelo mar ou pela selva, e é contrabandeada para os europeus pelos portos equatorianos. Para combater este crime

organizado transnacional, Correa defendeu uma coordenação internacional. “Temos de nos coordenar com a Colômbia e com os portos de destino”, sustentou, acrescentando que “tínhamos, por exemplo, as comissões binacionais de fronteiras e coordenávamos com a Colômbia a luta contra o tráfico de drogas. Aonde eles não podiam ir, nós chegávamos. E devemos também coordenar-nos internacionalmente com a Europa e os Estados Unidos”. Todos os mecanismos institucionais de enfrentamento ao narcotráfico organizados durante o período da Revolução Cidadã foram desmantelados pelo governo Lasso, acusa Correa, e precisam urgentemente ser reconstruídos.

“Este é um Estado narco, um governo que está junto do crime organizado. Alguém acredita nas investigações deste governo sobre o recente assassinato de Fernando Villavicencio? Ele fazia denúncias sobre os narco-generais, ou gerais-narco. Será que eles

o calaram?”, questionou Rosa Salazar. Outro problema sério no Equador é que os narcotraficantes tomaram as penitenciárias do país e as transformaram em verdadeiros centros de operação do crime organizado. “Nas cadeias os criminosos têm armas de alto calibre, eletrodomésticos, todos os benefícios”, denunciou a juíza Salazar. “Temos de intervir nas penitenciárias para que deixem de ser dirigidas pelo crime organizado e essa intervenção deve ser profunda”, completou Jhajaira Urresti.

Queremos que depurem a cúpula militar, que depurem a cúpula da Polícia Nacional, todas as instituições que estão cheias de corruptos, afirma a juíza. Para isso, Rafael Correa defende até mesmo a utilização de polígrafo [vulgarmente conhecido como detector de mentiras] pois os membros das instituições públicas de segurança têm de passar em testes de confiança. E haverá alguns que não passarão, conclui o ex-presidente.

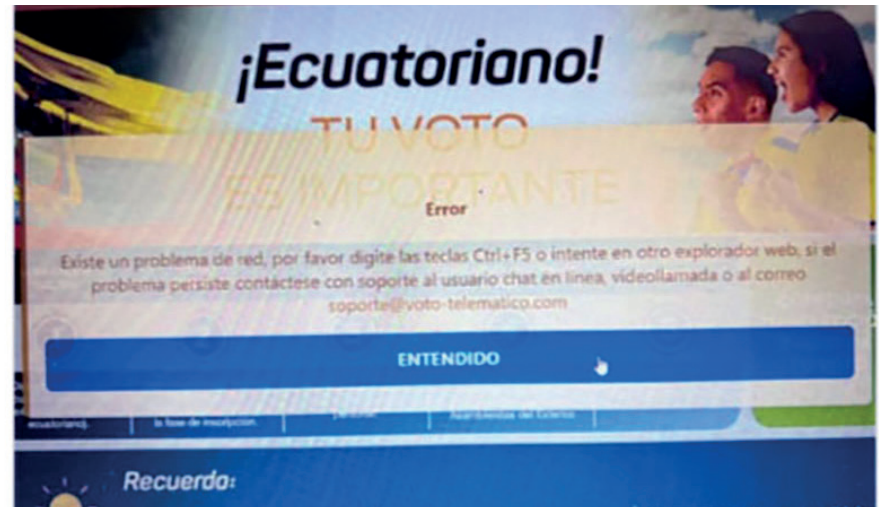
LUISA DENUNCIA OBSTÁCULOS PARA VOTO DE EQUATORIANOS NO EXTERIOR E EXIGE QUE AUTORIDADES “CORRIJAM ERROS”

A candidata do movimento Revolução Cidadã à presidência do Equador afirmou que é “preciso que o Conselho Nacional Eleitoral permita que os migrantes possam exercer seu direito ao voto”

CAIO TEIXEIRA E LEONARDO WEXELL SEVERO,
ComunicaSul, direto de Quito

“Faço um chamado para que se dê atenção aos nossos migrantes que não estão conseguindo votar no exterior. Que o Conselho Nacional Eleitoral (CNE) corrija os erros e permita que eles possam exercer seu direito ao voto”, afirmou Luisa González, candidata do movimento Revolução Cidadã (RC) à presidência do Equador nas eleições deste domingo (20). O voto no Equador é em cédula, mas o CNE criou uma plataforma digital para permitir a participação dos eleitores residentes no exterior em razão da falta de tempo para a remessa de cédulas aos países onde vivem. No entanto, a coordenação da campanha do RC recebeu inúmeras denúncias de que quando tentam acessar o sistema eletrônico de votação são surpreendidos com uma mensagem de erro e não conseguem votar. E os telefones dos consulados simplesmente não atendem.

Como são votos majoritariamente opositores, pois são de pessoas vítimas das políticas de arrocho, desemprego e precarização de direitos, implementadas pelos governos neoliberais dos últimos seis anos, os cerca de 410 mil eleitores equatorianos registrados no exterior podem fazer toda a diferença na derrota do governo de Guillermo Lasso e de seus cúmplices. Embora o percentual seja pequeno em relação aos 13,4 milhões de votantes, esses votos podem definir a realização ou não de um segundo turno no dia 15 de outubro.



Eleitores equatorianos no exterior são barrados pelo sistema eletrônico

Numa disputa acirrada, em que o candidato para se eleger no primeiro turno necessita de 40% dos votos válidos e abrir uma vantagem de 10% sobre o segundo colocado, a participação dos migrantes tem peso decisivo. Somente entre 2021 e 2022, 189 mil equatorianos saíram do país, número que supera o saldo migratório

dos últimos doze anos.

O economista Andrés Arauz, candidato a vice-presidente do Revolução Cidadã, afirmou que o aumento terrível da pobreza foi o responsável pela “migração forçada”, que precisa ser revertida agora com “o fortalecimento do Estado, a industrialização e a geração de empregos”.



Luisa González lidera todas as pesquisas de intenção de voto (RC)

VITORIOSA NA DISPUTA, LUISA CONVOCA EQUATORIANOS A DERROTAREM O MULTIMILIONÁRIO NOBOA, O “LASSO 2.0”

Luisa González e Andrés Arauz venceram o primeiro turno das eleições presidenciais (Galo/ComunicaSul)



Candidata larga na frente na disputa pela presidência e defende que o Estado esteja a serviço da população e não dos que “desmantelaram tudo, desde o sistema de segurança até a educação e a saúde pública” para atender interesses privados e dos banqueiros

CAIO TEIXEIRA E LEONARDO WEXELL SEVERO,
ComunicaSul, Direto de Quito

Com 90% das urnas apuradas, a candidata do movimento Revolução Cidadã (RC) à presidência do Equador, a advogada Luisa González lidera a disputa rumo ao segundo turno, somando 33% dos votos (3,3 milhões) contra 23,73% (2,16 milhões) do magnata Daniel Noboa.

“Esta foi a primeira vez que uma mulher conquista tão alta porcentagem de votos no primeiro turno, ganhando as eleições para ser a presidenta da República do Equador e conduzir os destinos da Pátria”, comemorou Luisa, na coletiva de imprensa, domingo (20) à noite, no Centro de Formação Monseñor Leonidas Proaño.

Apoiada pelo ex-presidente Rafael Correa, que por ser perseguido político está exilado na Bélgica, a candidata disse estar confiante na caminhada até o segundo turno das eleições em 15 de outubro.

Luisa González recordou que “muitas de nós temos sido invisibilizadas e hoje começamos a escrever uma história diferente e celebraremos em nome de todas as mulheres”. “Avancemos com fé junto a Andrés Arauz, junto à Revolução

Cidadã construiremos uma nação digna, segura, de paz, amor e tranquilidade”, acrescentou. Com firmeza, denunciou a “campanha suja” e o clima de terror que se instalou no país, frisando que “o panorama mudou após o assassinato de um candidato (Fernando Villavicencio)” para prejudicar a campanha progressista. “Todos temos consciência de que este trágico acontecimento alterou o quadro político. Haveríamos ganho no primeiro turno, mas agora o país deverá esperar mais”, ressaltou. Para a candidata do RC, o Estado deve ser fortalecido e posto a serviço da população e não dos que

Cidadã construiremos uma nação digna, segura, de paz, amor e tranquilidade”, acrescentou.

Com firmeza, denunciou a “campanha suja” e o clima de terror que se instalou no país, frisando que “o panorama mudou após o assassinato de um candidato (Fernando Villavicencio)” para prejudicar a campanha progressista. “Todos temos consciência de que este trágico acontecimento alterou o quadro político. Haveríamos ganho no primeiro turno, mas agora o país deverá esperar mais”, ressaltou.

Para a candidata do RC, o Estado deve ser fortalecido e posto a serviço da população e não dos que

“desmantelaram tudo, desde o sistema de segurança até a educação e a saúde pública” para “atender a interesses privados e dos banqueiros”. Contrariando as especulações e boatos da grande mídia dizendo que Jan Topic iria disputar o segundo turno com Luisa Gonzáles, o “candidato Rambo” não passou do quarto lugar, com menos de 15% dos votos. Até mesmo Christian Zurita, substituto de última hora de Fernando Villavicencio, o candidato assassinado, chegou em

terceiro, na frente de Topic. Daniel é empresário, dirigente da Corporação Noboa, pertencente ao seu pai, o multimilionário Álvaro Noboa que disputou cinco vezes a presidência do Equador sem lograr êxito em nenhuma delas. O grupo atua na produção, manufatura, comércio e exportação de café, bananas e frutas em geral. Noboa defende um alinhamento com os Estados Unidos. Na coletiva de imprensa, respondendo a uma pergunta sobre o

que seria a expressão “Lasso 2.0”, utilizada por ela, Luisa Gonzáles explicou que o atual presidente Guillermo Lasso é um empresário que sabe dirigir sua empresa, mas não entende absolutamente nada da realidade do sofrimento do povo e, por isso, seu governo só beneficiou os bancos. “Não queremos um presidente que governe para suas empresas e deixe de atender as necessidades do povo. Não queremos um Lasso 2.0”, enfatizou.



Candidatos do Revolução Cidadã comemoraram junto à militância, em frente ao local da coletiva de imprensa (Lospanas)

HISTORIADOR AVALIA QUE SEGUNDO TURNO NO EQUADOR SERÁ DEFINIDO ENTRE PROGRESSISTAS OU MILIONÁRIOS

Para o historiador Juan Paz y Miño Cepeda, eleições devem servir como ponto de ruptura com o neoliberalismo

A vitória histórica de Luisa González no primeiro turno das eleições presidenciais do Equador realizadas neste domingo (20) e as condições dadas para o segundo turno, precisam ser entendidas dentro do período histórico das três últimas décadas. Nesse período, do ponto de vista do povo trabalhador, alternaram-se forças do atraso, defensoras do modelo neoliberal com forças progressistas, responsáveis por momentos de avanço nas conquistas sociais.

A atual conjuntura pode vir a ser um novo ponto de ruptura ou de agravamento das condições sociais, em benefício de uma elite milionária que quer o Estado a serviço da potencialização de seus lucros.

Para entender esse contexto, publicamos um artigo inédito do historiador equatoriano Juan Paz y Miño Cepeda, já entrevistado pelo ComunicaSul no curso desta cobertura. O trabalho, datado desta segunda-feira (21), é extremamente elucidativo e merece a leitura.

Eleições no Equador: progressistas ou milionários?

Juan J. Paz y Miño Cepeda

O dia 10 de agosto de 1979 marcou o início do mais longo período de governos constitucionais da história do Equador e, ao mesmo tempo, de vários ciclos presidenciais. Entre 1979-1996 se sucederam: Jaime Roldós (1979-1981), Osvaldo Hurtado (1981-1984), León Febres Cordero (1984-1988), Rodrigo Borja (1988-1992) e Sixto Durán Ballén (1992-1996). Com exceção de Hurtado (que se tornou



Juan Paz y Miño Cepeda, renomado historiador equatoriano (Prensa Latina)

presidente após a morte de Roldós), todos eles foram eleitos. Foi um ciclo de estabilidade governativa que contrastou com o que se seguiu de 1996 a 2006, quando se sucederam as presidências de Abdalá Bucaram (1996-1997), Fabián Alarcón (1996-1998), Jamil Mahuad (1998-2000), Gustavo Noboa (2000-2003), Lucio Gutiérrez (2003-2005) e Alfredo Palacio (2005-2007). Rosalía Arteaga não era presidente, mas sim vice, responsável pela presidência durante um fim de semana de conflito com a saída de Bucaram. O paradoxo é o fato de os três únicos líderes eleitos (Bucaram, Mahuad e Gutiérrez) terem sido derubados por “golpes parlamentares”, determinados por mobilizações sociais implacáveis contra eles. Mesmo com a queda de Mahuad, foi instaurada uma efêmera ditadura noturna (21 de janeiro de 2000), com participação militar.

Em perspectiva histórica, a partir do reformismo popular com enfoque

desenvolvimentista que caracterizou o governo de Roldós e, relativamente, o governo de Hurtado, a partir de Febres Cordero (presidente empresário/milionário), um novo modelo econômico deslanchou no país, inspirado na ideologia neoliberal que se espalhava pela América Latina, em consequência das condicionalidades do Fundo Monetário Internacional (FMI) sobre a dívida externa.

O social-democrata Borja interrompeu esse processo, que, retomado por Durán Ballén, se consolidou na década de 1990. O modelo empresarial-neoliberal foi apoiado pelas poderosas elites econômicas do país. Favoreceu o crescimento capitalista acelerado, com privilégios para estas elites, o aumento das classes médias, uma profunda concentração de riqueza e a manutenção de condições de vida e de trabalho deterioradas para a maioria da população nacional. A partir de 2000, a emigração sem precedentes de equatorianos



chegou mesmo a disparar, com as remessas do exterior se tornando a segunda maior fonte de rendimento, depois das exportações de petróleo. O curso econômico foi acompanhado pelo enfraquecimento do Estado e pela deterioração dos serviços públicos, pela corrupção pública e privada incessante, bem como pela vida de paz e democracia que os equatorianos esperavam.

Em contraste com as décadas e ciclos anteriores, entre 2007-2017 Rafael Correa governou, eleito três vezes. Um novo ciclo começou porque o modelo neoliberal de negócios foi descartado a fim de estabelecer uma economia social, o que tornou possível recuperar as capacidades do Estado, bem como investimentos e serviços públicos, afirmando um novo quadro institucional, de acordo com a Constituição de 2008.

Os avanços sociais de uma década, com a redistribuição da riqueza, a redução da pobreza e a melhoria das condições gerais de vida e de trabalho, foram particularmente destacados em relatórios de organizações internacionais, bem como em estudos e relatórios nacionais. A economia também cresceu, beneficiada pelos elevados preços do petróleo, bem como da rentabilidade de vários setores de atividade. O país tornou-se uma referência na América Latina, no contexto do que foi identificado na região como o primeiro ciclo progressista. No entanto, com o início da recessão econômica (2014/15), o ritmo das reformas abrandou. Ao longo do caminho, a polarização política entre apoiadores e opositores do governo aprofundou-se e continua até aos dias de hoje. É um sintoma dos diferentes interesses de classe existentes na sociedade, conforme a balança pende para o "correísmo" ou para o "anti-correísmo".

Embora Lenín Moreno tenha sido patrocinado pela Revolução Cidadã, o seu governo (2017-2021) marcou outro ciclo, pois restaurou o modelo neoliberal-empresarial e perseguiu o "correísmo", cujos líderes mais visíveis (incluindo Rafael Correa) foram processados por "corrupção", "asso-

ciação criminosa" ou qualquer outra acusação que alimentasse o implacável lawfare, com o qual se presunha a culpa de qualquer "correísta". Nestas novas condições, afirmou-se um bloco de poder dominante expresso na direita econômica, midiática e política. As consequências de tal virada histórica se traduziram na desestabilização institucional, na perda de capacidades do Estado, na falência dos serviços públicos, no renascimento dos interesses das

para lhes fazer frente.

Diante destas situações históricas complexas e a perda de legitimidade social do governo, a Assembleia Nacional propôs a destituição do Presidente Lasso, que se antecipou ao processo aplicando a "morte cruzada" (maio de 2023), um mecanismo constitucional que implica eleições antecipadas tanto para o executivo como para o legislativo. De fato, Lasso não conseguiu concluir o seu mandato presidencial e junta-se aos

“ Os avanços sociais da década de Correa, com a redistribuição da riqueza, a redução da pobreza e a melhoria das condições gerais de vida e de trabalho, foram particularmente destacados em relatórios de organizações internacionais, bem como em estudos e relatórios nacionais ”

elites econômicas e de setores das classes médias com elas identificados e na repressão dos movimentos sociais. O colapso das condições de vida e de trabalho regressou, com o aumento da pobreza, do desemprego e do subemprego, agravado em 2020 pela chegada da pandemia mundial do Coronavírus, negligenciada pelo governo.

O sucessor Guillermo Lasso (2021-hoje), outro presidente empresário/bilionário (banqueiro), conseguiu consolidar o bloco de poder que usou Moreno para conseguir a restauração dos seus interesses. Desta vez, o modelo empresarial-neoliberal adquiriu características oligárquicas, comparáveis às que o Equador viveu durante a primeira "era plutocrática", entre 1912-1925, baseada na dominação despótica privada. Isto explica não só a continuidade das políticas de Moreno, mas também a sua expansão, que levou ao "encolhimento" do Estado, afetando suas capacidades e a institucionalidade nacional. Desta vez, o caminho neoliberal foi o mais profundo das últimas quatro décadas. Como resultado, as políticas sociais entraram em colapso e o aumento dramático da insegurança dos cidadãos foi agravado pela explosão da delinquência e do crime organizado, diante da incapacidade do Estado

três presidentes destituídos do passado imediato, que também não conseguiram concluir o seu mandato. Nestas circunstâncias, os resultados das eleições de domingo, 20 de agosto (2023), refletem uma realidade histórica: no segundo turno (15 de outubro), estarão Luisa González e o empresário milionário Daniel Noboa. Luisa González representa a possibilidade de fazer avançar uma economia social, cujas bases, como sublinhou, foram lançadas pelo governo de Rafael Correa. Por outro lado, Daniel Noboa, apesar da imagem de renovação política e de juventude que projetou (e que lhe deu uma vitória surpreendente), tanto em termos do seu programa de governo como das suas declarações e do círculo empresarial e social a que está ligado, representa a continuidade do modelo econômico empresarial-neoliberal e oligárquico. Tal como no passado, a palavra de ordem será "todos contra o correísmo". Uma polarização que é preocupante na América Latina, tendo em conta os riscos para o projeto progressista no Equador. E, sem dúvida, estará também na mira dos Estados Unidos, numa conjuntura internacional em que qualquer inclinação de um país para a esquerda é prejudicial ao monroísmo-americano.



Marcela Arellano Villa, dirigente da Federação Unitária dos Trabalhadores (FUT) e presidente da Confederação Equatoriana de Organizações Sindicais Livres (Ceosl), tendo ao fundo a líder independentista Manuela Sáenz (LWS/ComunicaSul)

“DANIEL NOBOA É EXTREMA-DIREITA, A PRIVATIZAÇÃO DO ESTADO EQUATORIANO”, AFIRMA LÍDER SINDICAL

Defensora da candidatura de Yaku Pérez no primeiro turno das eleições presidenciais, a líder da Federação Unitária dos Trabalhadores (FUT) e presidente da Confederação Equatoriana de Organizações Sindicais Livres (CEOSL), Marcela Arellano afirma que o momento é de unir forças para derrotar o multimilionário “Daniel Noboa, elemento que é de extrema-direita e significa a privatização do Estado”.

Representada por Luisa González, “a chamada Revolução Cidadã”, assinala Marcela, precisará explicitar com ênfase na campanha até 15 de outubro o seu compromisso com um projeto de desenvolvimento nacional que “fortaleça o setor produtivo”.

Na construção desta frente ampla contra o retrocesso, propõe a presidente da CEOSL, é preciso “garantir um Estado a serviço do povo, sob

sua direção, com serviços públicos de qualidade eficientes na saúde, educação e segurança”. “Para nós, água e energia são questões centrais e vitais para o desenvolvimento do Equador. Outro ponto é a defesa do Instituto Equatoriano de Seguridade Social (IESS), que precisa ser fortalecido e ampliado”, sublinha a dirigente da frente de luta que congrega três centrais sindicais (CEOSL, CTE e UGTE), além da Confederação de Organizações Classistas Unitária de Trabalhadores (Cedocut) e três das principais entidades nacionais dos educadores, servidores provinciais e municipais.

LEONARDO WEXELL SEVERO
ComunicaSul, Direto de Quito

O Equador terá um segundo turno em 15 de outubro colocando frente

a frente dois projetos. Como analisas o cenário?

Nosso país vive um momento muito conflitivo devido a dois elementos. Um deles é a pobreza, a precariedade que se estende em vários setores e que aumentou após a pandemia. Estamos vivendo um momento de crise política, de crise econômica, e o resultado são essas eleições antecipadas. Nesse momento eleitoral, o que temos observado é o aumento da violência, que obrigou as pessoas a votarem em alternativas que não estavam previstas. O cenário eleitoral muda e passam ao segundo turno duas forças políticas totalmente opostas: uma que representa o que se chama de Revolução Cidadã e a outra, de extrema-direita, a oligarquia. Daniel Noboa é um político que ninguém havia visto, um perso-

nagem totalmente jovem no cenário eleitoral do país. No entanto, apesar da sua pouca idade, 35 anos, não é um representante da nova política. Ele representa os grupos econômicos tradicionais, está ligado às oligarquias agroindustriais, setor com o qual o movimento sindical vem tendo fortes enfrentamentos. Seu pai, Álvaro Noboa [que perdeu cinco vezes a disputa à presidência da República], é dono de grandes plantações de banana e de muitas empresas onde nunca houve oportunidade de desenvolvermos o sindicalismo. Nós tivemos confrontos muito graves nas empresas que seu pai dirige. O mais sério foi a greve na fazenda Clementina, onde houve assassinatos de lideranças sindicais e uma descomunal repressão.

“Tivemos confrontos muito graves nas empresas que o pai de Noboa dirige, o mais sério foi na fazenda Clementina, com assassinatos de sindicalistas e descomunal repressão”

Precisamente no setor bananeiro, onde o Grupo Noboa atua, não temos conseguido sindicalizar os trabalhadores. Portanto, há uma grande preocupação de que, com a eleição deste sujeito, o país avance rumo a uma política anti-trabalhista e antissindical, da mesma forma como adotou seu pai e os grupos ligados a ele, essa “nova” expressão política da oligarquia equatoriana.

Estamos profundamente preocupados e consideramos que os direitos trabalhistas e sindicais no Equador estão em perigo com uma possível chegada de Noboa à Presidência da República. Consideramos que esse personagem representa um risco não apenas para os direitos trabalhistas e sindicais, mas para a democracia no país, para garantir um Instituto Equatoriano de Seguridade Social (IESS) que favoreça a Previdência dos trabalhadores.

Neste momento estamos em dis-

puta. O governo quer nos negar a representação que os filiados e aposentados têm no IEES. Esse instituto foi tomado por Lasso, e agora existe uma proposta de uma comissão organizada por ele, que é muito próxima do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial, que propõe o aumento da idade de contribuição, a diminuição das contribuições dos aposentados e a abertura de contas individuais. Em suma, quer sua transferência para as seguradoras privadas dos fundos de pensão.

Consideramos que a chegada do Noboa também coloca em risco a Previdência Social. Na verdade, os grupos econômicos que representa têm impulsionado fortemente uma agenda neoliberal. Isso implica uma reforma do Estado que

tende à privatização das empresas públicas com a transferência dos serviços públicos para mãos privadas. Portanto, a mercantilização dos serviços públicos que deixariam de ser um direito e passariam a ser mercadoria.

Dado o caso das privatizações, o “ajuste estrutural” significaria um

“Noboa se torna um político de alto risco, pois soma setores abertamente contrários aos interesses nacionais, vinculados ao FMI, ao Banco Mundial e aos Estados Unidos”

Estado diminuído, pequeno, sem condições de garantir acesso à saúde e educação. Reafirmo que a preocupação do movimento sindical não tem a ver apenas com os direitos trabalhistas, com os direitos sindicais, mas com a estrutura do Estado e com a implementação de uma agenda neoliberal que tem prejudicado o país e colocado em risco todos os direitos.

Noboa representa esses grupos oligárquicos, por isso, apesar de ser um “político” novo, representa a típica agenda neoliberal desgastada no Equador.

Em suma, pelos estreitos vínculos com Lasso, seria a continuidade da mesmíssima política do atual presidente?

Nossa compreensão é que Daniel Noboa poderia fazer algo ainda mais sério. Lasso não conseguiu consolidar a oligarquia e os interesses dos banqueiros e me parece que Noboa tem a possibilidade de aglutinar, além do poder econômico, os conglomerados midiáticos.

Eles o posicionaram como um novo ator, como um ator limpo, alguém que pode tirar o Equador da crise. Isso mostra que os grupos econômicos estão por detrás de Noboa. Portanto, é muito mais grave do que o governo Lasso, que não tinha capacidade de unir esses setores econômicos e políticos mais reacionários.

Então, Noboa se torna um político de alto risco, pois soma setores abertamente contrários aos interesses nacionais, vinculados à política do Banco Mundial, do FMI e dos Estados Unidos. Eles vão tratar de assegurar a implementação de uma agenda neoliberal que tem sido um projeto histórico da oligarquia equatoriana. Um Estado pequeno, que somente garanta

direitos para o setor privado, que não preste serviços públicos, um Estado privatizado.

Noboa representaria, portanto, a busca de uma elite entreguista pela privatização do Estado e a desnacionalização?

Exato. É uma continuidade dos governos neoliberais dos anos 90 e do projeto político de Lasso. E há

um papel da mídia nisso tudo, na construção desse discurso em defesa da submissão ao capital financeiro internacional, de “acordos” com o FMI, e da aproximação com os interesses geopolíticos dos Estados Unidos.

A mídia propagandeia o discurso de submissão a esses atores estrangeiros. Qual a capacidade da sociedade equatoriana organizada para se contrapor ao discurso de capitulação?

A direita tem uma série de quadros políticos e ideológicos bem prepa-

Estado a serviço do povo.

Os movimentos social, sindical, indígena e popular devem ter uma estratégia de comunicação clara neste momento em defesa dos direitos, devem ter seus próprios canais. Isso nos permitirá chegar à maioria da população, a fim de garantir que a agenda que propomos seja de um Estado a serviço do povo, de fortalecimento do aparato produtivo, garantindo os direitos dos trabalhadores e trabalhadoras, assegurando que a violência que estamos vivendo, que os níveis de insegurança, não apavorem nosso

“*No momento de silêncio eleitoral, a Comissão para a reforma do Instituto Equatoriano de Seguridade Social esteve na mídia, promovendo sua cartilha regressiva, de redução de direitos*”

rados, que defendem o neoliberalismo, a flexibilização trabalhista, a privatização e o Estado diminuído, que estão em todos os meios de comunicação.

Nesta última semana e no silêncio eleitoral, a Comissão para a reforma do Instituto Equatoriano de Seguridade Social esteve em vários meios de comunicação e promovendo – sem qualquer contraposição, num discurso monocórdico – sua cartilha de caráter regressivo, de redução de direitos.

Diante disso, consideramos que os meios de comunicação jogam um papel importantíssimo neste momento eleitoral na defesa de um Estado a serviço dos interesses dos bancos, das seguradoras, do capital agroindustrial, dos que propõem uma reforma trabalhista para acabar com os direitos trabalhadores.

“*Devemos ter nossos próprios canais de comunicação, que permitam chegar à maioria da população uma agenda de um Estado a serviço do povo, do fortalecimento do aparato produtivo*”

Há uma séria preocupação do movimento sindical frente à necessidade de garantirmos direitos e um

povo nem afetem a ação sindical e as organizações sociais.

A mídia das organizações sociais e a mídia comunitária tem que garantir esse objetivo. Para isso, é necessária uma estratégia de comunicação das entidades, uma plataforma unitária de luta, e é preciso nos posicionarmos nesse cenário eleitoral com alternativas à crise e ao problema de insegurança.

Me disseste que o Equador tem historicamente muitos planos de integração para a América Latina. Até falaste do Canal Interoceânico com o Brasil, reduzindo a dependência do canal do Panamá. Como vêes isso?

A integração latino-americana é uma aspiração antiga do movimento social equatoriano, uma

alternativa que permita nosso desenvolvimento econômico, com soberania. Garantir uma nova

matriz produtiva para o Equador como gerador de serviços de eletricidade e de transporte. Vejo que este é o horizonte, mas agora na América Latina e no mundo temos uma nova ameaça que é o crime organizado.

Neste quadro, precisamente, a integração também pode ser uma saída, uma vez que possibilitará uma resposta mais articulada do Equador com o conjunto dos nossos países. Acredito que não dá para sair da violência em que estamos mergulhados se não tivermos níveis básicos de segurança.

Afinal, isso também é um problema para os países produtores e consumidores do narcotráfico. É preciso obrigar os países que consomem a deixar de consumir. Sim, porque parte dos problemas que temos é justamente isso. Os níveis de violência estão aumentando em nossos países. É preciso garantir que os países consumidores de drogas não tenham mais suprimentos suficientes. Simplesmente não se fala disso, se ignora, mas é a verdade.

Qual seria o eixo para derrotar Noboa?

Acredito que o programa central da frente tem que ser a defesa do Estado. Precisamos garantir um Estado a serviço do povo, sob sua direção, com serviços públicos de qualidade eficientes na saúde, educação e segurança. Para nós, água e energia são questões centrais e vitais para o desenvolvimento do Equador. Outro ponto é a defesa do Instituto Equatoriano de Seguridade Social (IESS), que precisa ser fortalecido e ampliado.

“Precisamos de mais segurados que contribuam, mas que também recebam serviços do IESS, particularmente garantir aposentadorias, assegurar pensões, saúde, seguro-desemprego e contra acidentes de trabalho”

Precisamos de mais segurados que contribuam, mas que também recebam serviços do IESS, particularmente garantir aposentadorias,

assegurar pensões, saúde, seguro-desemprego e contra acidentes de trabalho. A maioria dos trabalhadores que não tem crédito tiveram suas casas construídas com empréstimos do Banco do IESS. Ou seja, é uma segurança quase completa. É nisso que querem colocar a mão.

Então esse instituto para nós é estratégico. Precisamos cuidar dele e fazer com que seja fortalecido, porque é também um instituto que permite ao Estado reduzir

de enfrentamento à violência e o cuidado com a natureza.

Além disso, um elemento para o diálogo e acordo entre as organizações do setor popular e, esperançosamente, também entre os empresários, é a possibilidade que o Equador assumiu: a não exploração do Parque Nacional do Yasuní [aprovada por quase 60% dos eleitores em referendo histórico no domingo (20)] e a saída da mineração do Chocó Andino – reconhecida pela Unesco como Reserva de

diálogo intenso dos setores populares para montar uma agenda política e construir uma proposta que possa ser apresentada ao Equador como alternativa política e eleitoral possível.

Para nós, mulheres, também é preciso haver uma agenda que valorize o trabalho das cuidadoras [dos que atualmente não são remunerados, mas que cuidam de crianças e de idosos nos lares e se dedicam à preservação da natureza]. O trabalho reprodutivo é essencial, mas nenhum candidato abordou o tema. E há necessidade de aposentadorias para o trabalho doméstico não remunerado, o reconhecimento e valorização do cuidador.

Acho que esse é outro elemento que pode nos unir e permitir o diálogo e a eliminação da violência no ambiente de trabalho. É preciso garantir o reconhecimento social, o reconhecimento econômico do trabalho de cuidado. Acredito que estes são os grandes eixos que podem unir o movimento sindical, o movimento de mulheres, o movimento ambiental e o movimento popular no Equador.

“ Precisamos de mais segurados que contribuam, mas que também recebam serviços do IESS, particularmente garantir aposentadorias, assegurar pensões, saúde, seguro-desemprego e contra acidentes de trabalho ”

as suas despesas, os seus custos. Não é preciso cuidar dos trabalhadores em matéria de saúde nem de pensões, porque nós próprios poupamos para receber pelo que contribuímos. Portanto, devemos preservar o IESS.

Outros pontos que aparecem neste cenário político eleitoral são o

Biosfera da Humanidade (referendada por quase 70% dos votantes]. Então, foi dado o alerta que é preciso ter cuidado. Isso implica cuidarmos da natureza, cuidarmos da água. E que devemos buscar alternativas ao extrativismo petrolífero e de mineração.

Esse próximo ano e meio será de

RÁDIO PICHINCHA É TRINCHEIRA PELA DEMOCRATIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO E PELA SOBERANIA DO EQUADOR



Bryan Paul Espinoza, jornalista da Rádio Pichincha (LWS/ComunicaSul)

Repórter da Rádio Pichincha, uma das mais prestigiadas e populares do Equador, Bryan Paul Espinoza valoriza sua participação na equipe desta potente voz dissonante, que lança elementos de consciência em meio à enxurrada de mentiras e desinformação. A grande mídia é uma estrutura servil a banqueiros e latifundiários – principalmente do setor bananeiro – que se locupletou a partir dos governos que sucederam ao de Rafael Correa (2007-2017), com o desmantelamento da rede pública de comunicação.

“A Rádio Pichincha se constitui como a outra palavra, como se diz aqui, uma voz que permite a contraposição ao discurso hegemônico, não só dos meios de comunicação tradicionais, mas também das próprias linhas argumentati-

vas ou ideológicas do governo, especialmente dos dois últimos, do ex-presidente Moreno e do atual, Guillermo Lasso”, afirma Bryan.

Para o jornalista, o fato da progressista, Luísa González, ter começado sua campanha nos estúdios da rádio “é um ponto muito alto”. Bryan reforça a opinião da candidata do movimento Revolução Cidadã (RC) que Daniel Noboa, filho de um dos homens mais ricos do Equador, representa o continuísmo, um “Lasso 2.0”, com sua política de fome e desemprego.

LEONARDO WEXELL SEVERO
ComunicaSul, Direto de Quito

Qual o significado da Rádio Pichincha na luta pela democratização da comunicação, num país onde a

mídia está tão concentrada?

A Rádio Pichincha se constitui como a outra palavra, como se diz aqui, uma voz que permite a contraposição ao discurso hegemônico, não só dos meios de comunicação tradicionais, mas também às próprias linhas argumentativas ou ideológicas do governo, especialmente dos dois últimos, do ex-presidente Moreno e do atual, Guillermo Lasso. Nosso objetivo é dar espaço às expressões de jovens, coletivos feministas, ambientalistas, defensores de animais, LGBTI, grupos de teatro, cultura, cinema e de música independente. Foram todas estas expressões que permitiram que a Rádio Pichincha se constituísse no canal que é. Um veículo para que as pessoas tenham voz, o que não podem fazer em um meio tradicional.

Acreditas que há um simbolismo na candidata Luísa González ter escolhido a Pichincha para iniciar sua campanha no segundo turno?

Claro. Na maior parte das vezes os grandes meios de comunicação não dão espaço ao contraditório, sobretudo aos dirigentes e militantes da Revolução Cidadã, ou dos correístas, como são conhecidos, por conta do enquadramento da informação que querem manter. O fato de Luísa ter começado sua campanha aqui é algo relevante, um ponto muito alto, não só para a rádio, mas também para as pessoas que a ouvem, para a sua audiência, o público que nos acompanha, que é a quem devemos prestar contas.

Poderias fazer um breve resumo das candidaturas da oligarquia?

Além do próprio Noboa, que passou para o segundo turno, a maioria dos candidatos, como Jan Topic, dono de uma empresa de segurança [mercenários de elite] ou Xavier Ervas [que ostenta em sua "biografia" ter colocado o brócolis equatoriano como "produto premium" em vários países] são candidatos de altíssimo poder econômico. E, também, um enorme poder midiático. Ou Otto Sonnenholzner, que foi membro da Associação Equatoriana de Radiodifusores.

Nesta luta cotidiana por uma comunicação veraz, qual o inimigo a ser combatido?

Creio que estamos falando de Noboa, apontado por Luisa González como um Lasso 2.0. Eu compartilho desta opinião, porque ele é um empresário filho de Álvaro Noboa, que se não é o homem mais rico do Equador, é um dos três mais ricos. Suas empresas de bananas lhe deram um capital muito importante e é daí que vem Daniel Noboa. Assim, o poder de Noboa faz com que também seja comparado a Guillermo Lasso. Desta forma, mantém a mesmíssima linha de Lasso e segue seus traços de direita.

Como a família Noboa trata os trabalhadores, como se relaciona com os seus empregados?

Do que sabemos, há muita terceirização nas empresas de Noboa, não há filiação ao Instituto Equatoriano de Segurança Social (IESS), não garantem direitos trabalhistas, pagam salários miseráveis, mantêm contratos de cerca de três ou quatro meses e depois mudam de empresa, e assim seguem terceirizando, dando voltas e mais voltas para burlar a legislação e aumentando a precariedade laboral.

Durante o governo de Correa havia um compromisso com a democratização, com veículos públicos a serviço da população. Qual é a realidade atual?

Os meios públicos foram funda-

“Do que sabemos, há muita terceirização nas empresas de Noboa, não há filiação ao Instituto Equatoriano de Segurança Social (IESS), não garantem direitos trabalhistas, pagam salários miseráveis, mantêm contratos de cerca de três ou quatro meses e depois mudam de empresa, e assim seguem terceirizando, dando voltas e mais voltas para burlar a legislação e aumentando a precariedade laboral”

mentais para democratizar a cultura e as ideias no país, nas mais variadas áreas. Este período de oxigenação durou até 2019, no governo Moreno, com a liquidação da empresa pública de comunicação social, que não só incluía a Ecuador TV, mas também a televisão pública e a rádio pública.

Este foi um golpe muito forte para o jornalismo. No Equador passamos de um meio público, que dava voz aos cidadãos, que educava, como é um dos principais papéis da comunicação, a ser mercantil, mais um canal do governo, uma pequena empresa. As emissoras passaram a ter um objetivo comercial, quando o objetivo deveria ser construir e expandir a comunicação, fazendo com que chegasse a todo o território nacional um conteúdo de qualidade, permitindo o crescimento da população.

Como vê o trabalho da rádio daqui por diante?

Com rigor e respeitando o princípio da comunicação jornalística, que é ser para o povo, estar com as pessoas. Longe do cabo de guerra dos interesses políticos, dos interesses econômicos que querem dominar a comunicação. É necessário, portanto, confrontá-los dessa forma: com o verdadeiro sentido do jornalismo, longe dos interesses políticos e econômicos que estão por detrás dos meios massivos, fazendo um trabalho público mais polido, voltado para a cidadania. O bom jornalismo é o que o povo merece, não caindo em provocações ou numa luta midiática centrada nos interesses deste ou daquele candidato, mas em ajudar a população a perceber os seus planos de trabalho,

dando-lhe as ferramentas necessárias para perceber em quem vão votar neste segundo turno.

Porque há muito que educar com a nossa rádio e este é seu desafio e compromisso: sensibilizar as pessoas para que tenham em conta e reflitam sobre a situação atual do país.

Neste quadro de enfrentamento, quais os principais meios massivos de desinformação e manipulação?

Os meios hegemônicos, com maior poder econômico, atuam abertamente contra a candidatura de Luisa González. São a Teleamazonas – vinculada ao segundo principal banco do país –, a Ecuavisa e a TC Televisão, que antes pertencia ao Estado equatoriano. Os três estabeleceram uma só linha argumentativa, um discurso hegemônico de

muito ódio para seguir polarizando o país, estigmatizando e satanizando o socialismo como corrente ideológica. E isso é muito nocivo para as pessoas.

O resultado é que acabam convidando para os seus programas apenas gente de uma linha de direita, extremamente conservadora. Foi isso o que fizeram para eleger Lasso e para isso estão trabalhando em favor de Noboa.

Esses meios hegemônicos tentam fazer acreditar e buscam implantar na cabeça de trabalhadores e empresários que o seu discurso reacionário é a verdade. Assim tentam fazer com que as pessoas olhem mal para um modelo que pode trazer progresso para elas e para o país.

A grande mídia está fabricando uma polarização artificial e prejudicial contrária aos interesses nacionais?

Acredito que esta polarização en-

tre correísmo e anti-correísmo prejudica não só a democracia, mas o Equador como um todo. Rompe com relações familiares, de amizade e até amorosas. Não é algo bom para um país que já está demasiado afetado, sangrando muito com a alta criminalidade, com a pobreza, com a desigualdade, com a falta de acesso à educação, à saúde, à segurança social, com uma elevada taxa de subemprego e desemprego. Acredito que já são problemas suficientes para termos de suportar lutas políticas que não fazem bem para as pessoas.

E há também milhões de equatorianos que se foram...

Pela gravidade da crise é que tanta gente se foi. Pessoas que saíram e não podem voltar, porque foram expulsas pelas condições econômicas e de insegurança. Devemos somar a isso exemplos na área jornalística, que é bom que se mencione, o autoexílio forçado de profissionais. São quatro jornalistas que tiveram de se exilar devido a ameaças contra a sua vida e de suas famílias. Uma delas, amiga minha, precisou nos deixar. Porque esse Estado não garante a vida para ninguém, nem para jornalistas, nem para candidatos presidenciais, nem para crianças assassinadas nas ruas. Esta é uma realidade que precisa ser mudada. E já.

“ Os meios hegemônicos acabam convidando para os seus programas apenas gente de uma linha de direita, extremamente conservadora. Foi isso o que fizeram para eleger Lasso e para isso estão trabalhando em favor de Noboa ”



Equatorianos carregam féretro com manifestante assassinado em 2019, repressão condenada por Ana María Larrea (Composição)

“MODELO NEOLIBERAL ESTÁ TINGIDO DE SANGUE NO EQUADOR”, AFIRMA EX-SECRETÁRIA DE ERRADICAÇÃO DA POBREZA DE CORREA

Entrevistas realizadas nas ruas da capital, Quito, e de Guayaquil contrariam grande mídia e apontam para a esperança da mudança

Antropóloga Ana María Larrea, doutora em Políticas Públicas e mestre em Desenvolvimento com ênfase em Movimentos Sociais denuncia que a “aplicação rigorosa do modelo neoliberal” durante os governos de Moreno e Lasso provocou uma “acumulação ilimitada de riqueza” que trouxe como resultado uma estrutura “corrompida, presa fácil para a lavagem de dinheiro de droga e para o crime organizado”. Desta forma, o modelo ficou “tingido de sangue”, com inúmeras mortes, advertiu. Secretária técnica para a Erradicação da Pobreza no governo de Rafael Correa (2007-2017), Ana Maria Larrea propõe que, uma vez eleita, Luisa González, do movimento Revolução Cidadã fortaleça o setor produtivo e

enfrente o setor financeiro. Entre as propostas, Larrea propõe que o novo governo transfira os US\$ 10 bilhões aplicados em um banco na Suíça para investimento público e gere melhores condições de vida para os equatorianos.

CAIO TEIXEIRA/
ComunicaSul, Direto de Quito

Os dois temas principais da atual campanha eleitoral no Equador foram a violência generalizada e a economia em crise. Qual a relação entre tais pontos e o atual modelo neoliberal?

O que estamos vivendo no Equador é precisamente o produto da aplicação rigorosa do modelo neoliberal durante os dois últimos governos [de Moreno e Lasso].

Um modelo que está tingido de sangue, porque há uma estratégia muito forte de acumulação ilimitada de riqueza, que é presa fácil para a lavagem de dinheiro de droga, para o crime organizado e para a economia criminosa. Uma sociedade em que o Estado é abandonado, em que o Estado é enfraquecido, dessa forma é um grande terreno fértil para o aparecimento e a expansão de bandos criminosos e da violência generalizada. Portanto, estão muito ligados o modelo econômico com esta rede de economias criminosas que hoje assolam o Equador.

Quase todos os candidatos propunham a repressão pura e simples para combater a violência. Mas o Revolução Cidadã defende

que é preciso atacar outras frentes, como a desigualdade social. Trabalhastes com Rafael Correa justamente para a erradicação da pobreza. O que poderia ser feito atualmente?

A questão da violência é um problema integral. Se você não atacar os diferentes aspectos que levam a ela, será difícil superar o problema. Para dar um exemplo, desde a pandemia, a taxa de abandono escolar nas escolas equatorianas começou a aumentar muito rapidamente. Se não dermos às crianças e aos jovens alternativas de educação, essas crianças e esses jovens vão se tornar presas fáceis do crime organizado, da delinquência organizada, começaram a juntar-se a bandos criminosos e a se tornar

“Lutar pela melhoria da segurança passa por reforçar o tecido social, aumentar a solidariedade, as redes de ajuda mútua, que contribuam para recuperar o espaço público”

delinquentes desde muito novos. Como é importante ampliar as matrículas! Como é importante educar as crianças e os jovens! Esta é uma questão que não está na agenda de segurança do candidato da direita, mas é fundamental, mesmo do ponto de vista da segurança. Temos a questão da saúde, da erradicação e do combate à pobreza e às desigualdades em sociedades tão desiguais como a nossa. Sociedades assim são mais propícias ao crime organizado.

As medidas que devemos promover para lutar pela melhoria da segurança são abrangentes, devem reforçar o tecido social, aumentar a solidariedade, as redes de ajuda mútua, contribuir para recuperar o espaço público que está ficando cada vez mais vazio. Não apenas devido ao medo que as pessoas têm da violência e do crime organizado. E então? É importante promover uma agenda de segurança que seja abrangente, que leve em

conta todos estes componentes e onde o trabalho de prevenção seja talvez o mais importante. O poder

“O mais importante é retomar o investimento público para melhorar as condições de vida das pessoas, recursos que um bom banqueiro guardou num banco na Suíça”

de gerar coesão social, de reforçar o tecido social precisamente para evitar a propagação da violência.

Se Luísa González for vencedora no segundo turno, terá apenas 18 meses para fazer algo antes de novas eleições. Com a sua experiência como executora de projetos de erradicação da pobreza, o que poderia ser feito em tão curto espaço de tempo?

Em 18 meses o que podemos fazer é lançar as bases para um novo país. Talvez o mais importante seja retomar o investimento público. O Equador tem atualmente reservas monetárias de cerca de 10 bilhões de dólares que estão depositadas num banco na Suíça. E nenhum investimento é feito dentro do orçamento geral do Estado. Vou dar um exemplo muito simples agora que estávamos falando da segurança. No ano passado, o Ministério do Interior investiu zero em equipamento policial. Este ano, já estamos em agosto e só conseguiu gastar 6% do seu orçamento. Em outras palavras, não há investi-

“Precisamos de uma agenda estatal de políticas de longo prazo, que sejam políticas de Estado em que toda a sociedade se empenhe”

mento público. O governo de um bom banqueiro guardou o dinheiro no banco, na Suíça.

Portanto, uma das coisas mais importantes e urgentes é recuperar a capacidade do Estado de investir

para melhorar as condições de vida das pessoas, e temos de investir na saúde pública. Os hospitais atualmente não têm medicamentos. É preciso investir na segurança. É importante equipar a Polícia Nacional e as Forças Armadas, mas também gerar um processo de depuração das forças da ordem, na medida em que elas têm se deixado infiltrar pelo narcotráfico e pelo crime organizado. Portanto, há muita coisa que se pode fazer num ano e meio do ponto de vista do investimento, da mudança do modelo de desenvolvimento em que estamos atualmente mergulhados, que é um modelo de “austeridade” que ou nos mata de fome ou nos mata assassinados nas ruas. Portanto, é possível inverter o modelo num ano e meio e começar a gerar um processo de desenvolvimento. Obviamente, que num ano e meio não serão grandes os resultados, mas se conseguirmos mudar a orientação ideológica e política do governo, será um grande passo.

O Revolução Cidadã conseguiu a maior bancada de assembleístas [no Equador o parlamento é unicameral], mas não a maioria. O que fazer para enfrentar problemas como a do combate à pobreza e fortalecimento da saúde pública?

Acho que há questões importantes para o país que precisam ser tra-

tadas com urgência e que podem gerar um conjunto mais amplo de apoios. Um deles é, sem dúvida, a

reativação da produção e da geração de emprego.

Um dos problemas mais graves que os equatorianos enfrentam atualmente é o emprego precário e a falta de emprego. Por isso, penso que se pode gerar um consenso interessante em torno da questão do emprego. E a outra é a segurança, que requer de fato uma agenda estatal de políticas de longo prazo que não sejam políticas de governo, que sejam políticas de Estado

em que toda a sociedade se empenhe para gerar uma vida sem violência, uma sociedade de paz. E é importante fazer isso agora. Nessa perspectiva, eu acredito que há alguns temas importantes na agenda pública que exigem consenso e, digamos, a convergência de diferentes forças políticas e, sobretudo, a convergência das forças progressistas do país.

Existe a possibilidade de explorar

a contradição entre os interesses do setor produtivo e o dos bancos para reativar a economia real?

Eu penso que temos que trabalhar nesse sentido. Acho que isso faz parte do trabalho que tem que ser feito em termos de diálogo político, em termos de construção de alianças, e não é uma coisa que vem de graça. É uma agenda que tem que ser erguida com a convergência dos diferentes atores políticos e dos atores econômicos.

A Agência ComunicaSul está cobrindo as eleições presidenciais graças aos seguintes apoios:

- Jornal Hora do Povo
- Diálogos do Sul
- Barão de Itararé
- Portal Vermelho
- Correio da Cidadania
- Agência Saiba Mais
- Intersindical
- Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB)
- Central Única dos Trabalhadores do Paraná (CUT-PR)
- Associação dos Assistentes Sociais e Psicólogos do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo (AASPTJ-SP)
- Federação dos/as Trabalhadores/as em Empresas de Crédito do Paraná (FETEC-PR)
- Sindicatos dos Trabalhadores em Água, Resíduos e Meio Ambiente do Estado de São Paulo (Sintaema-SP) e de Santa Catarina (Sintaema-SC)
- Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção Pesada no Estado do Paraná (Sintrapav-PR)
- Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (Apeoesp Sudeste-Centro)
- Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo
- Sindicato dos Trabalhadores no Poder Judiciário Federal de Santa Catarina (Sintrajusc-SC)
- Sindicato dos Trabalhadores no Poder Judiciário do Estado de Santa Catarina (Sinjusc-SC)
- Sindicato dos Trabalhadores do Poder Judiciário Federal em Pernambuco (Sintrajuf-PE)
- Sindicato dos Trabalhadores do Judiciário Federal e Ministério Público da União (Sintrajufe-RS)
- Mandato popular do vereador Werner Rempel (Santa Maria-RS)

e dezenas de contribuições individuais.

CONTRIBUA PELO PIX

comunicasulcolaborativa@gmail.com

- Edição: Papiro Produções
- Diagramação: Gráfica Colormix - (16) 98816-8884





comunicasul.org